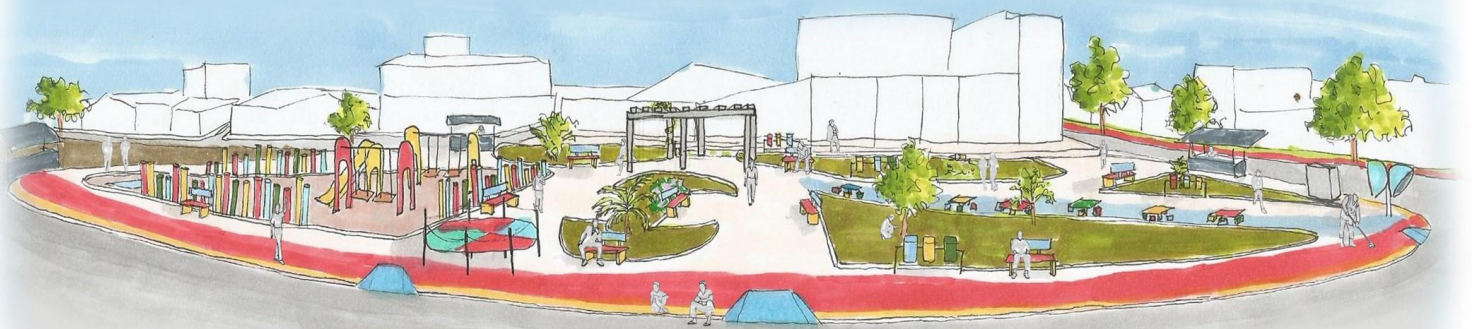




**NARRATIVAS DO COTIDIANO E INTERDISCIPLINARIDADE.  
CONTRIBUIÇÃO PARA O PLANEJAMENTO URBANÍSTICO:  
A EXPERIÊNCIA NA PRAÇA SILVIO GARCEZ VIEIRA**



**TATYANE DA SILVA TEODORO**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO  
CAMPUS DE LARANJEIRAS

**NARRATIVAS DO COTIDIANO E INTERDISCIPLINARIDADE.  
CONTRIBUIÇÃO PARA O PLANEJAMENTO URBANÍSTICO:**  
*A EXPERIÊNCIA DA PRAÇA SILVIO GARCEZ VIEIRA*

**Autora:** Tatyane da Silva Teodoro

**Orientador:** Prof.º Dr. Fernando Antônio  
S. de Souza

Trabalho Final de Graduação apresentado  
ao Departamento de Arquitetura e  
Urbanismo da Universidade Federal de  
Sergipe como requisito para a obtenção do  
título de Bacharel em Arquitetura e  
Urbanismo.

LARANJEIRAS - SE

2018

**TATYANE DA SILVA TEODORO**

**NARRATIVAS DO COTIDIANO E INTERDISCIPLINARIDADE.  
CONTRIBUIÇÃO PARA O PLANEJAMENTO URBANÍSTICO:  
A EXPERIÊNCIA DA PRAÇA SILVIO GARCEZ VIEIRA**

Trabalho Final de Graduação apresentado em 09 de março de 2018 à  
seguinte banca examinadora:

---

**Prof.º Dr. Fernando Antônio S. de Souza**  
Orientador | Universidade Federal de Sergipe (UFS)

---

**Prof.ª Dr.ª Sarah Lúcia Alves França**  
Examinadora Interna | Universidade Federal de Sergipe (UFS)

---

**Prof.ª Esp. Viviane Oliveira de Jesus**  
Examinadora Externa | Arquiteta e Urbanista

LARANJEIRAS - SE

2018

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço à Deus por me conceder coragem e acompanhar toda a minha vida, em especial, a caminhada acadêmica, permitindo a finalização deste trabalho com êxito.

Aos meus pais, Francisco e Meive, que sempre cuidaram de tudo para que eu pudesse crescer da forma mais amável e leve possível. Pela paciência, dedicação e por terem me incentivado a estudar tudo que tive interesse, à exemplo do tema tratado neste trabalho. E por terem proporcionado todas as condições necessárias para que eu pudesse alcançar os meus objetivos. Sem eles eu, certamente, não teria concluído este trabalho.

Aos meus irmãos, Júlio e Francymeire, por todas as vezes que entenderam a minha ausência quando passava o dia na faculdade e nos horários que não pude estar com eles, quando precisei me dedicar a este e outros trabalhos acadêmicos.

Ao meu namorado, Deivid, que acompanhou de perto todo o processo de desenvolvimento desse trabalho e não mediu esforços para me auxiliar em todas as etapas. Sempre muito presente, involuntariamente foi meu psicólogo e não me deixou sozinha nessa trajetória. Foi fundamental para que fosse possível concluir essa etapa.

Aos meus amigos da instituição, que desde o início do curso sempre foram muito companheiros e leais. Por todas as vezes que transformaram momentos difíceis da jornada acadêmica em momentos mais leves e prazerosos. Sem eles a caminhada teria sido muito árdua.

Ao meu orientador que, sempre disposto a ajudar, proporcionou através das reuniões um percurso de descobertas e construção de conhecimento, fundamentais para o desfecho deste trabalho. E à instituição que permitiu o encerramento dessa etapa de maneira satisfatória.

Por fim, mas não menos importante, agradeço às pessoas que se dispuseram a conversar comigo como contribuição para este trabalho, que permitiram que eu as fotografasse e me concederam matéria prima para essa aprendizagem. Cada narrativa fez a diferença para o rumo que o trabalho tomou.

“A arquitetura avança e evolui enquanto  
um saber interdisciplinar, e não como  
uma disciplina fechada e autossuficiente”

(Josep Maria Montaner)

## **RESUMO**

O objetivo deste trabalho é analisar a relação da interdisciplinaridade com a arquitetura e urbanismo tendo como objeto de estudo a intervenção urbana da Praça Silvio Garcez Vieira, localizada no Complexo Habitacional Taiçoca, realizada no ano de 2015, em Nossa Senhora do Socorro – SE. A intervenção na praça foi analisada como um acontecimento rizomático e cartográfico modelador do espaço urbano, envolvendo processos de resistência e apropriação do território da cidade pela comunidade. Para o desenvolvimento dos estudos, adotou-se como referência a interdisciplinaridade com viés antropológico, envolvendo as dimensões humana, cultural e política da cidade. Foram desenvolvidas pesquisas acerca do contexto urbano onde a praça está inserida, sobre teorias contemporâneas do planejamento urbanístico e foram investigadas as narrativas do cotidiano. Esse estudo permitiu entender a contribuição do processo de construção e apropriação da praça para o planejamento urbanístico, levando-se em conta cada discurso que evidenciou as lições da vida urbana e destacou a importância da interdisciplinaridade e das narrativas do cotidiano como forma de pensar o planejamento urbanístico, tendo em vista a produção de espaços mais democráticos e inclusivos, no lugar da concepção linear cartesiana e universalista que incorpora a noção de projeto como pensamento único para a arquitetura e urbanismo.

Palavras-chave: Planejamento Urbano; Interdisciplinaridade; Praça Silvio Garcez Vieira; Nossa Senhora do Socorro-SE.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Estrutura Urbana de Nossa Senhora do Socorro. ....	16
Figura 2 - Conjuntos e Setores do Complexo Habitacional Taiçoca. ....	17
Figura 3 – Rota formada pelos eixos de segregação. ....	18
Figura 4 - Oportunidades voltadas para os eixos das Avenidas Principais. ....	20
Figura 5 - Localização do terreno em que foi implantada a Praça SGV. ....	21
Figura 6 – Ampliação da localização do terreno de implantação da praça SGV. ....	22
Figura 7 - Terreno vazio visto a partir da Rua Perimetral C e da Avenida Coletora C. ....	23
Figura 8 – Localização do Canal atrás da Praça. ....	23
Figura 9 – Simulação da obstrução visual causada pelos tapumes. ....	25
Figura 10 - Identificação do entorno da Praça. ....	26
Figura 11 - Representação dos problemas causados pela obstrução visual. ....	26
Figura 12 - Praça após a retirada dos tapumes. ....	28
Figura 13 - Praça Finalizada. ....	29
Figura 14 – Praça Finalizada e Ocupada. ....	29
Figura 15 - Croquis que resumem a trajetória da praça SGV. ....	30
Figura 16 - Caminhos dinâmicos: calçadas, ciclovias e canteiro gerando fluxo ....	35
Figura 17 - Canteiro como espaço de permanência. Avenida Coletora C, às 7 horas. ....	36
Figura 18 - Canteiro como espaço de permanência. Avenida Coletora A, às 17 horas. ....	36
Figura 19 - Passarela central como espaço de permanência. Avenida Um, às 16 horas. ....	37
Figura 20 - Caminhos monótonos. Ciclovia sem calçada e árvores ....	37
Figura 21 - Caminhos monótonos. Conjunto Albano Franco. ....	38
Figura 22 - Caminhos monótonos. Conjunto Marcos Freire 3. ....	38
Figura 23 - Caminhos monótonos. Loteamento Piabeta. ....	39
Figura 24 - Caminhos monótonos. Loteamento Piabeta. ....	39
Figura 25 - Praça como espaço de permanência, às 16 horas. ....	41
Figura 26 - Praça como espaço de permanência, às 20 horas. ....	41
Figura 27 - Praça como espaço de passagem, às 8 horas. Pessoas transitando sem permanecer. ....	41
Figura 28 - Grupo de capoeira utilizando o espaço da praça. ....	45
Figura 29 - Grupo religioso fazendo culto na praça. ....	45

Figura 30 - Moradora regando as espécies plantadas por ela e por outras pessoas da comunidade. ....	54
Figura 31 - Moradora regando as espécies plantadas por ela e por outras pessoas da comunidade. ....	54
Figura 32 - Faixa repudiando a poluição no canal que fica ao lado da praça. ....	56



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>1. NOSSA SENHORA DO SOCORRO E A PRAÇA SILVIO GARCEZ VIEIRA .....</b>	<b>16</b>
1. 1. Importância do contexto. ....	19
1. 2. Processo de construção da Praça Silvio Garcez Vieira. ....	21
<b>2. PLANEJAMENTO URBANO E INTERDISCIPLINARIDADE.....</b>	<b>31</b>
2. 1. Alternativas para o Planejamento Urbano.....	31
2. 2. Proposições urbanas contemporâneas e a sua aplicação no planejamento da cidade .....	33
2. 3. Ciências sociais como campo de conhecimento relacionado à arquitetura e urbanismo .....	48
2. 4. Narrativas do cotidiano. ....	49
<b>3. COTIDIANO DA PRAÇA SILVIO GARCEZ VIEIRA.....</b>	<b>51</b>
3. 1. Lições da vida urbana .....	51
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>60</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>62</b>
<b>ENTREVISTAS.....</b>	<b>65</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>83</b>

## INTRODUÇÃO

O planejamento urbano, e com ele o urbanístico<sup>1</sup>, erroneamente, são vistos como a única solução para os problemas da cidade e são, frequentemente, entendidos como uma ação exclusiva do Estado. Entretanto, as representações sociais que se manifestam no cotidiano urbano também podem estar organizadas para contribuir em tais soluções. Diante das problemáticas urbanas, constantemente a solução tem sido em prol das classes mais abastadas e o problema se acentua junto aos segmentos mais pobres da sociedade, em forma de favelas ou ocupações irregulares, sejam nos centros urbanos ou nas periferias. Esses locais segregados, ao mesmo tempo, são sinônimo de focos culturais e também de medo e preconceito por parte da classe média e alta. O entrave não é a presença desses setores é a desigualdade social que marginaliza, criando consistentes muros imaginários entre as classes (SOUZA, 2004).

Em busca de uma análise que não exclua as necessidades, os interesses, as demandas, os desejos da população e, ao mesmo tempo, não simplifique a complexidade das cidades – no tocante à problemas como segregação socioespacial e apropriação do espaço –, o planejamento deve ser tratado com viés antropológico e interdisciplinar, visando atender seu objetivo primário de desenvolvimento urbano, no sentido de mudança social (SOUZA, 2002). No Brasil, o planejamento urbanístico não vem sendo considerado na perspectiva da Constituição Federal de 1988, e sua regulamentação – o Estatuto da Cidade (Lei 10.257, de 2001) – que estabelecem à todos o direito à cidade.

Nesse sentido, todo projeto de caráter social, bem como seu processo – idealização e construção –, devem estar ligados a quem ele se destina (VELHO, 2013). Portanto, a questão é: para quem se direciona o projeto urbanístico no tocante à cidade? Partindo do pressuposto de que a cidade é para todos, o projeto deve iniciar com um planejamento que abranja a população com menor poder aquisitivo, geralmente segregada e excluída, cujo direito à cidade é legítimo pela legislação. Entretanto, o que se verifica é que o Estado, em sua dimensão capitalista, age de modo a tornar a cidade cada vez mais dividida e excludente, invisibilizando e ampliando as desigualdades sociais (SOUZA, 2004). É comum o direcionamento dos investimentos serem para áreas da cidade onde a economia pode ser impulsionada, deixando em segundo plano a melhoria dos setores mais frágeis, como o residencial e os espaços públicos.

---

<sup>1</sup> Planejamento Urbanístico: o planejamento urbano é um campo do conhecimento que pode ser distinguido através de duas linhas de ação, uma com preocupações mais direcionadas a mudanças econômicas e outra com responsabilidade social. O urbanístico diz respeito às intervenções físicas no espaço urbano, como obras de embelezamento, uma transformação material do espaço, considerando pouco a questão social da cidade. Já a reforma urbana “representa uma transformação da sociedade e do espaço, tendo por objetivos melhorar a qualidade de vida da população, elevar o nível de justiça social e democratizar as práticas de gestão e planejamento” (SOUZA, 2004, p. 62).

A questão da segregação está inserida em um âmbito amplo e complexo – do direito à cidade –, que vai além do simples acesso à moradia, indicando para o enfretamento da problemática do planejamento uma condição interdisciplinar e antropológica. Dessa forma, moradias e espaços públicos em locais distantes e/ou sem os requisitos mínimos para uma digna sobrevivência humana, submetem a população a um cotidiano de isolamento socioespacial que dificulta e impede o acesso pleno à cidade. (SOUZA, 2017).

“O direito à cidade não pode ser concebido como um simples direito de visita ou de retorno às cidades” e, assim, “só pode ser formulado como direito à vida urbana” (LEFEBVRE, 2001, p. 158). O que significa muito mais do que a necessidade de ter simplesmente um lugar para morar – um teto e algumas paredes –, “refere-se ao lugar onde essa moradia está inserida e o que esse lugar pode oferecer como oportunidades” – de emprego, de serviços, de lazer, infraestrutura, entre outros fatores que contribuam para o desenvolvimento social e para uma “vida adequadamente humana” (ROLNIK, 2011, em entrevista)<sup>2</sup>. Isto é, de forma que todos os moradores estejam participando da cidade tendo acesso a tudo que ela deve oferecer, fazendo com que o planejamento urbanístico se torne um campo interdisciplinar e, ao mesmo tempo, plataforma de participação da população.

Com esse viés, o isolamento espacial se torna o contexto urbano que pode ser apreendido pelas narrativas dos atores envolvidos, tornando-se objeto de análise do planejamento urbanístico que passa a ser concebido como reatamento das classes sociais no espaço, de acordo com a capacidade que cada uma têm de ocupar o território da cidade, diferenciando-se pelo tipo, pela localização, concentração e apropriação de cada tipo de população em um local diferente (CORRÊA, 1995).

Com esse entendimento, a falta de direito à cidade que se configura no cotidiano da população, juntamente com o contexto em que se manifesta, converte-se no conhecimento essencial para o planejamento urbanístico. Trata-se do contexto no qual as narrativas do cotidiano ganham significado.

Assim sendo, o objetivo geral deste trabalho é analisar a relação da interdisciplinaridade com a arquitetura e urbanismo tendo como objeto de estudo a intervenção urbana da Praça Silvio Garcez Vieira (Praça SGV), localizada no Complexo Habitacional Taiçoca, realizada no ano de 2015, em Nossa Senhora do Socorro – SE. Como objetivos específicos têm-se:

1. Analisar o planejamento urbano apoiado na interdisciplinaridade relacionada à arquitetura e urbanismo;
2. Verificar a contribuição dos processos urbanos contemporâneos como os descritos na literatura de Montaner (2017) em “Do diagrama as experiências, rumo a uma arquitetura de ação”, Gehl (2015) em “Cidade Para Pessoas”, Vivant (2012) na publicação “O que é uma cidade criativa” e Souza (2004) em “Planejamento urbano e Ativismos Sociais”;

<sup>2</sup> ROLNIK, 2011. Moradia Adequada. Youtube, 27 out. 2011. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=-j2Q4Th51Ek&t=37s>>. Acesso em: 10 set. 17.

3. Analisar a importância dessas contribuições, no contexto das problemáticas do Complexo Habitacional Taiçoca, a partir do exemplo do objeto de estudo – a Praça SGV – verificando os seus rebatimentos no cotidiano das pessoas.

Este trabalho tem como objeto de estudo a intervenção do Estado e a apropriação da população local da Praça SGV, em um contexto de segregação, fragmentação e subutilização do espaço urbano abordado como resistência e direito à cidade e o seu rebatimento no planejamento urbanístico, apoiado em uma literatura que busca a interdisciplinaridade, mais precisamente, no âmbito das ciências sociais para a atuação urbana. Consequentemente, o objeto de estudo deste trabalho é composto pela trajetória que vai da concepção arquitetônica até a conclusão da construção, em um contexto de segregação e direito à cidade, passando pela resistência da população, ou seja, o objeto de estudo é formado pelo processo de planejamento, implantação e apropriação da praça.

Portanto, alguns questionamentos se mostram fundamentais para a orientação da pesquisa: Como a prática urbanística pode atuar de forma interdisciplinar em relação ao planejamento urbano cartesiano? Como a população pode ser agente participante e protagonista do espaço urbano, contribuindo para o planejamento da cidade? Como as narrativas dos moradores podem colaborar para a construção de identidade/pertencimento dos lugares?

A escolha dessa área se deu em função da vivência como moradora de Nossa Senhora do Socorro, acompanhando as transformações urbanas que aconteceram com a construção da Praça SGV, quando foi presenciada a negligência do poder público junto ao processo de planejamento e implantação da praça, bem como seus desdobramentos no cotidiano. Eles serviram de motivação para a elaboração deste trabalho.

A metodologia adotada analisa o contexto urbano local, a ação do planejamento e gestão nesse processo e, principalmente, os desdobramentos no cotidiano das pessoas, no decorrer e após a implantação da praça. Os procedimentos metodológicos foram iniciados com a realização de pesquisa acerca da área onde localiza-se a praça, utilizando-se referenciais encontrados na internet, livros, dissertações e depoimentos.

Em seguida, foram realizadas observações empíricas sobre o objeto de estudo utilizando o recurso de visitas e conversas com a população local, no sentido de conhecer o comportamento e entendimento das pessoas sobre a praça e do seu entorno, em diferentes horários e condições. Nesse momento, foram feitos os primeiros registros fotográficos.

Realizou-se também, a análise e síntese das proposições urbanísticas e sua aplicação no planejamento da cidade, tendo como base, Montaner (2017), Gehl (2015), Vivant (2012) e Souza (2004), no que se refere aos modos contemporâneos para a concepção de projetos de arquitetura e planejamento urbano. Esta etapa interligou, para o entendimento da cidade, a dimensão humana, a cultural e a política, promovendo a interdisciplinaridade no campo das ciências sociais.

Para compreensão social dos desdobramentos da concepção e construção da Praça SGV, além da análise interdisciplinar, foram estudadas as narrativas do cotidiano dos atores envolvidos no processo. Orientado pelo pensamento de Certeau (2012), foram realizadas conversas com a população usuária da praça e com o poder público. Esse caminho, de viés antropológico, nos colocou em contato com as nuances da vida urbana, através de cada discurso, que nos aproximou, de fato, da realidade social, arquitetônica e urbanística local.

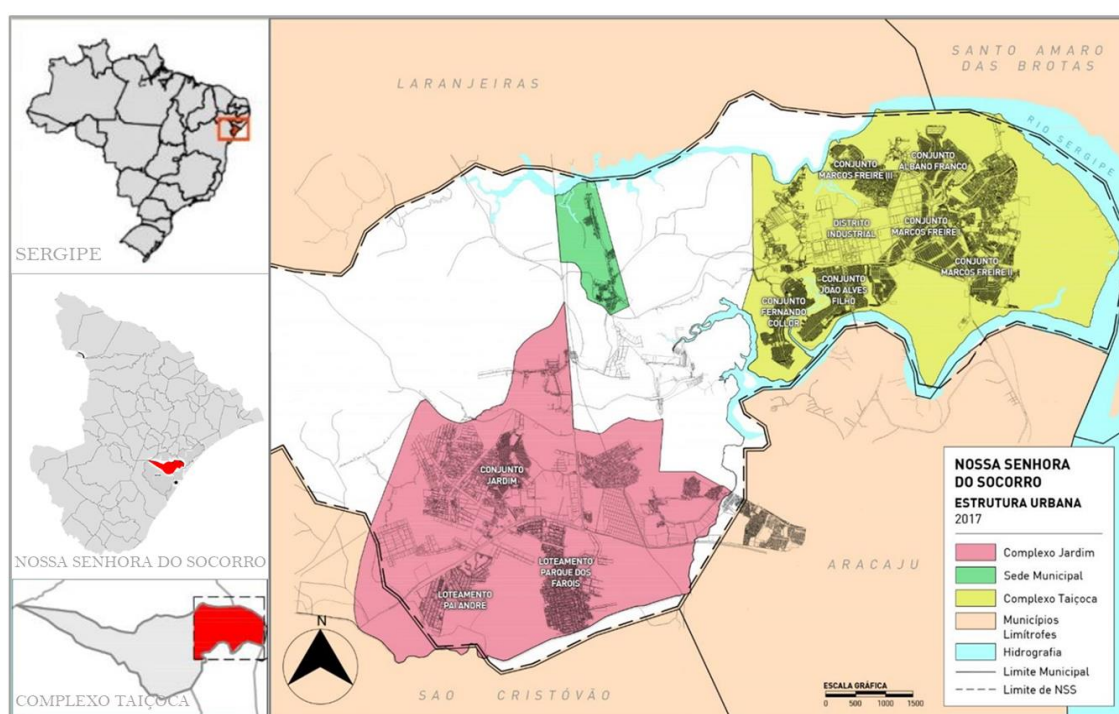
O presente trabalho está organizado em três capítulos. O primeiro apresenta a problematização, o objeto e objetivo do estudo. O segundo discorre sobre o planejamento urbano passando pelo pensamento crítico e as novas abordagens pautadas na interdisciplinaridade, buscando fundamentar nas ciências sociais a instrumentalização da participação dos atores sociais, tendo em vista, a construção de uma cidade democrática, através de algumas experiências contemporâneas na cidade que interligam a dimensão humana, a cultural e a política no espaço urbano. A partir dessa análise, o terceiro, explana os desdobramentos das narrativas do cotidiano no contexto da Praça Silvio Garcez Vieira, levando em conta as narrativas da população envolvida e a experiência interdisciplinar citada.

## 1. NOSSA SENHORA DO SOCORRO E A PRAÇA SILVIO GARCEZ VIEIRA

O estudo da interdisciplinaridade como contribuição das ciências sociais e urbanas para as práticas de planejamento urbano requer, inicialmente, a contextualização do evento que levou à construção da praça Silvio Garcez Vieira, em Nossa Senhora do Socorro.

Localizada à leste do Estado de Sergipe e com uma área de 155, 018 km<sup>2</sup>, Nossa Senhora do Socorro é banhada pelos rios do Sal, Cotinguiba e Sergipe. É um município em crescimento que abriga 160. 827 habitantes (IBGE, 2010). A Figura 1 mostra a sua localização e ilustra a sua atual configuração urbana, que se desenvolveu de forma fragmentada e setORIZADA.

**Figura 1 - Estrutura Urbana de Nossa Senhora do Socorro.**



**Fonte: Elaborado por Vinícius Rodrigues, 2017. Adaptado por Tatyane Teodoro, 2017.**

Nossa Senhora do Socorro é uma das cidades que pertencem à região denominada Grande Aracaju, juntamente com Barra dos Coqueiros, Laranjeiras, Maruim, Santo Amaro das Brotas, São Cristóvão e a capital. A área do município ocupa 0,7% de Sergipe e 7,4% da área que compreende a Grande Aracaju (SANTOS; OLIVEIRA; NUNES, 1994).

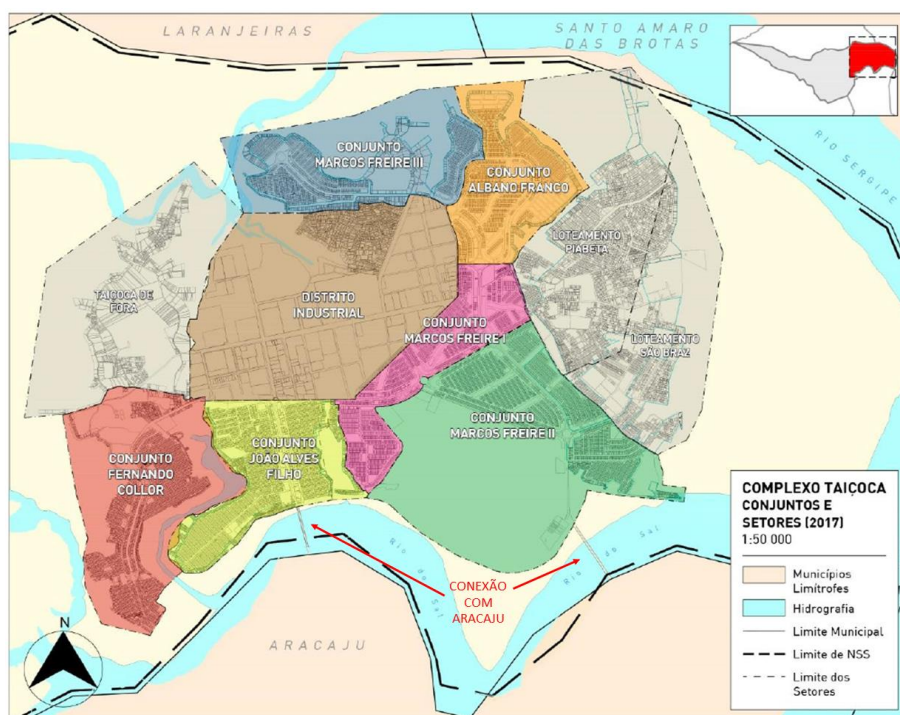
Diante da necessidade da capital em desconcentrar tanto as atividades industriais quanto a população pobre, por volta da década de 1980, estes problemas urbanos foram transferidos para Nossa Senhora do Socorro através da implantação do Distrito Industrial e dos Conjuntos Habitacionais. Esse novo núcleo – o Complexo Habitacional Taíçoca, localizado à leste do município –, conforme a figura 1, dista 8 quilômetros da sede que é muito pouco desenvolvida e não conseguiu

se integrar à mesma, dessa forma, essa transformação se desenvolveu mais como crescimento de Aracaju do que como expansão da sede (FRANÇA, 1997).

Desse modo, a implantação do Complexo Habitacional Taiçoca, objetivou induzir o crescimento do município e romper com o seu histórico de estagnação. De forma que a massiva construção de conjuntos habitacionais no Complexo, em 1980<sup>3</sup>, pela ação do Estado não trouxe integração com a sede, mas contribuiu para o desenvolvimento do novo setor e para o processo de conurbação entre Nossa Senhora Socorro e Aracaju, bem como contribuíram também, os investimentos nas vias que interligam esses dois núcleos e as transformações econômicas impulsionadas pelo capital imobiliário, comercial e de serviços (RODRIGUES, 2017).

Assim, a população que não conseguiu residir na capital, optou por morar nessa região que se encontra inserida na dinâmica interurbana de Nossa Senhora do Socorro e Aracaju: o sul do Complexo Habitacional Taiçoca, mostrado na Figura 2, que compreende o Conjunto João Alves, Marcos Freire I e II. Essa área, atualmente, com maior dinamização e melhores condições de sobrevivência humana, é a parte que recebe os maiores investimentos públicos e privados, tornando-a cada vez mais distante dos demais setores do município e mais próxima de Aracaju (RODRIGUES, 2017).

**Figura 2 - Conjuntos e Setores do Complexo Habitacional Taiçoca.**



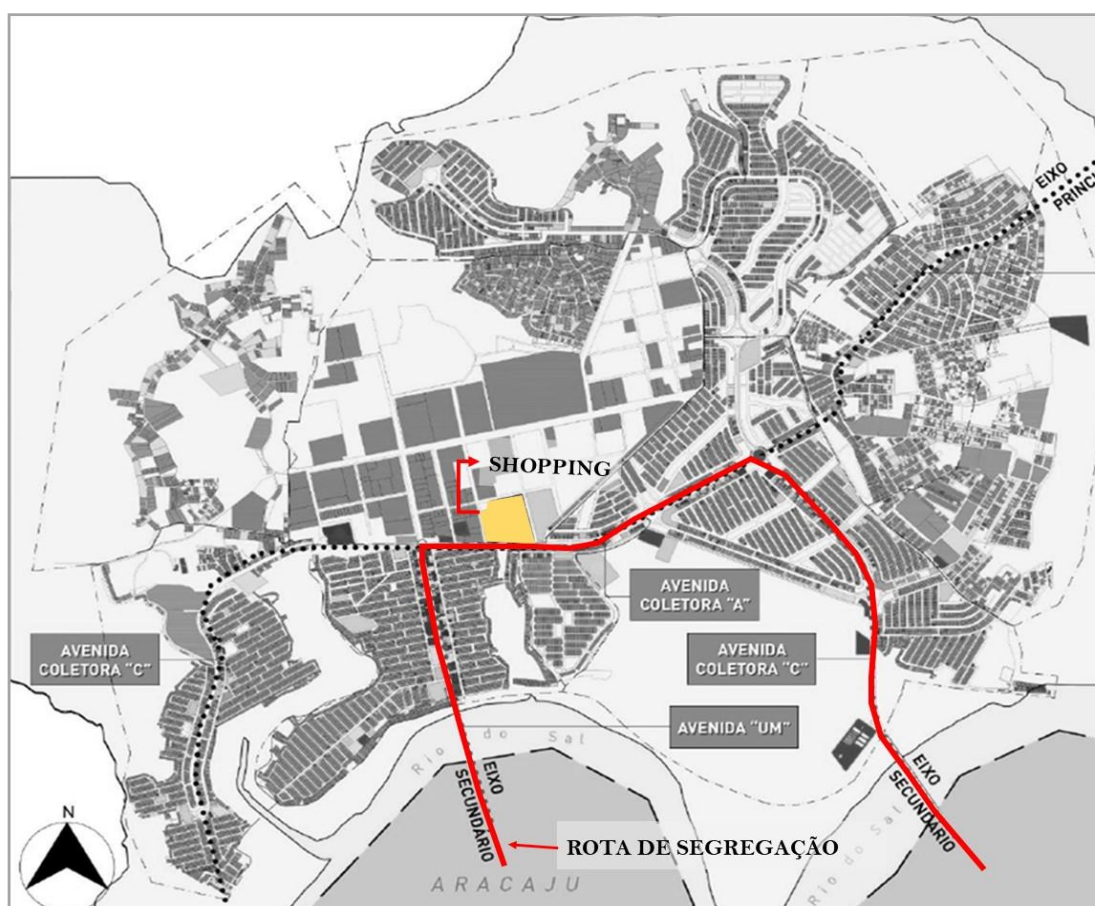
**Fonte: Elaborado por Vinícius Rodrigues, 2017. Adaptado por Tatyane Teodoro, 2017.**

<sup>3</sup> A partir de 1980, Nossa Senhora do Socorro passou por grandes transformações urbanísticas. A sede da cidade não sofreu grandes alterações, entretanto, os povoados foram alvo de empreendimentos imobiliários que provocaram mudanças em áreas antes ocupadas por mangues e pouco povoadas. Essas mudanças foram consequência do projeto Grande Aracaju que objetiva fortalecer a economia do Estado, associando a atividade industrial à habitação. Disponível em: <<http://www.socorro.se.gov.br/informacoesGeograficas>>. Acesso em 23 jul. 2017.



Essa parcela conurbada cria um eixo de segregação que elitiza<sup>4</sup> a parte mais próxima da capital e marginaliza os outros conjuntos habitacionais, concretizando a segregação socioespacial. O Complexo Habitacional em estudo, possui muitas áreas urbanas vazias e sem utilização, o que acentua ainda mais o problema das áreas marginalizadas. Assim, o crescente desenvolvimento da malha urbana, nos segmentos da área que engloba os Conjuntos João Alves, Marcos Freire I e Marcos Freire II, configura-se como uma rota formada por eixos de segregação. Grosso modo, trata-se de uma rota que conecta o município à Aracaju, pela Ponte Rio do Sal (ligação entre o Conjunto João Alves e o Bairro Lamarão em Aracaju) e a Ponte José Rollemberg Leite (Ligação entre o Conjunto Marcos Freire II e o Bairro Porto Dantas na capital) levando até o Shopping Prêmio situado no Conjunto Marcos Freire I, conforme a Figura 3. Esse percurso é composto por diversos usos que dinamizam a área e mostram uma paisagem que se diferencia na proporção que vai se distanciando de seus eixos e indo em direção as áreas marginalizadas, revelando o isolamento espacial através de duas realidades distintas.

**Figura 3 – Rota formada pelos eixos de segregação.**



**Fonte: Elaborado por Vinícius Rodrigues, 2017. Adaptado por Tatyane Teodoro, 2017.**

<sup>4</sup> Não se trata de uma elitização econômica, trata-se de uma valorização do status social entre uma população que goza de certos serviços e certas paisagens da cidade em detrimento de outra população que reside em áreas marginalizadas pela falta de desenvolvimento e investimentos, criando duas realidades de cotidiano muito distintas entre si. Conforme o imaginário da população entrevistada, ver trechos das transcrições 02, 03, 05 e 08, nas páginas 69, 71, 74 e 78, respectivamente.



Com base no contexto em que se localiza o objeto de estudo – a Praça Silvio Garcez Vieira – pode-se enfatizar que as áreas urbanas vazias dos setores segregados não são alvo de intervenções que contribuam para a questão social, nem por parte da iniciativa privada e nem da pública, de forma que as regiões abandonadas permanecem em exclusão, pela ausência de vivacidade e dinamização no espaço urbano. Assim, a partir da experiência da praça – intervenção recente na área de dinamização –, serão observadas as questões atreladas ao seu processo e entorno, nos seus aspectos positivos e negativos, tendo em vista que tal acontecimento revelou-se enfaticamente conflitante, demonstrando o modo como o planejamento urbano está ocorrendo atualmente, na região estudada.

### 1.1. Importância do contexto

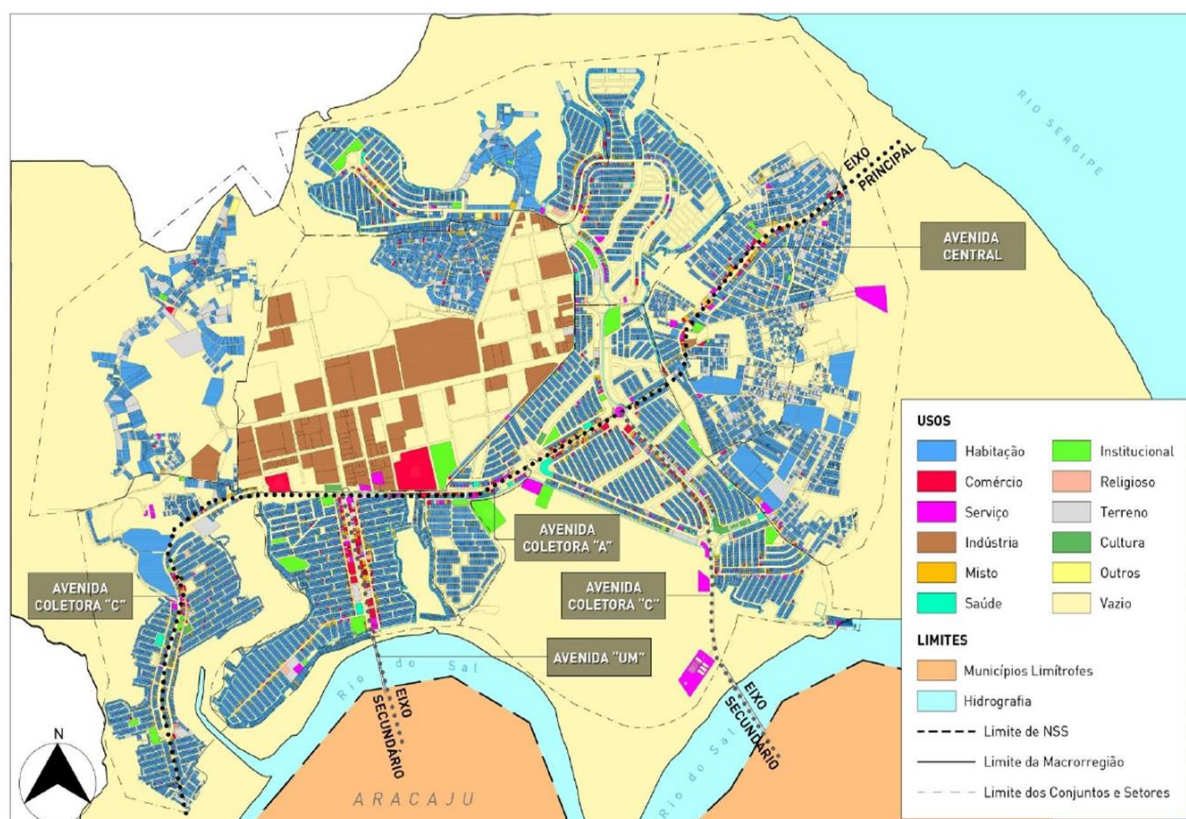
A área urbana onde está inserido o objeto de estudo apresenta a problemática de exclusão socioespacial de forma bastante evidente e que pode ser verificada até mesmo por uma análise empírica, através da diferenciação entre os eixos de segregação e as demais áreas, como será demonstrado pelas narrativas dos moradores no decorrer desse trabalho. O recente estudo de Rodrigues (2017), também confirma essa realidade:

Percebe-se a emergência de uma nova linha de segregação socioespacial da população pobre na periferia de Nossa Senhora do Socorro que se forma a partir da consolidação de um **eixo emergente de dinamização econômica que passa a separar a área conurbada [com Aracaju] – com melhores condições urbanas de sobrevivência – do restante do Complexo Habitacional, que permanece sem maiores investimentos públicos**, perpetuando a sua condição histórica de exclusão social (RODRIGUES, 2017, p. 90, grifo meu).

A expansão urbana e imobiliária sobre os limites de Nossa Senhora do Socorro, consolidada no Complexo Taíçoca, nesse eixo de segregação, fruto da metropolização, acentua o processo de exclusão social, por tornar a região ambígua. A preocupação é, então, a discussão e a análise de abordagens mais democráticas e contemporâneas com viés nas ciências sociais para intervenções em espaços públicos. Dessa maneira, o trabalho procura contribuir para o debate acerca da complexidade social, que envolve o direito à cidade e a participação popular nos projetos e planejamento urbanos, sob uma abordagem mais humana.

Sabendo que o Complexo Taíçoca, em Nossa Senhora do Socorro – SE, possui suas oportunidades para a população em eixos bem definidos, a Figura 4 mostra que tais oportunidades estão restritas às áreas que englobam às três avenidas principais (Avenida “A”, “C” e “Um”) que ficam nos Conjuntos João Alves, Marcos freire I e II, além das melhorias que, quando são feitas, são voltadas particularmente para as mediações dessas avenidas, desde novos empreendimentos até a limpeza das ruas e poda da vegetação urbana.

**Figura 4 - Oportunidades voltadas para os eixos das Avenidas Principais.**



Fonte: Elaborado por Vinícius Rodrigues, 2017.

Mesmo esse trecho sendo bastante dinamizado em relação à oferta massiva de transporte, serviços e benfeitorias públicas e privadas, ainda existem espaços subutilizados e vazios. Contudo, ressalta-se a grande diferença, no tocante às oportunidades de desenvolvimento humano, entre esses eixos e as áreas fora deles, marginalizadas. Tais diferenças são reconhecidas por alguns moradores dentro do universo entrevistado quando conversado sobre perigo e trajetos costumeiros na região (que hoje é a praça), onde destacam-se facilmente a ambiguidade do Complexo Taíoca:

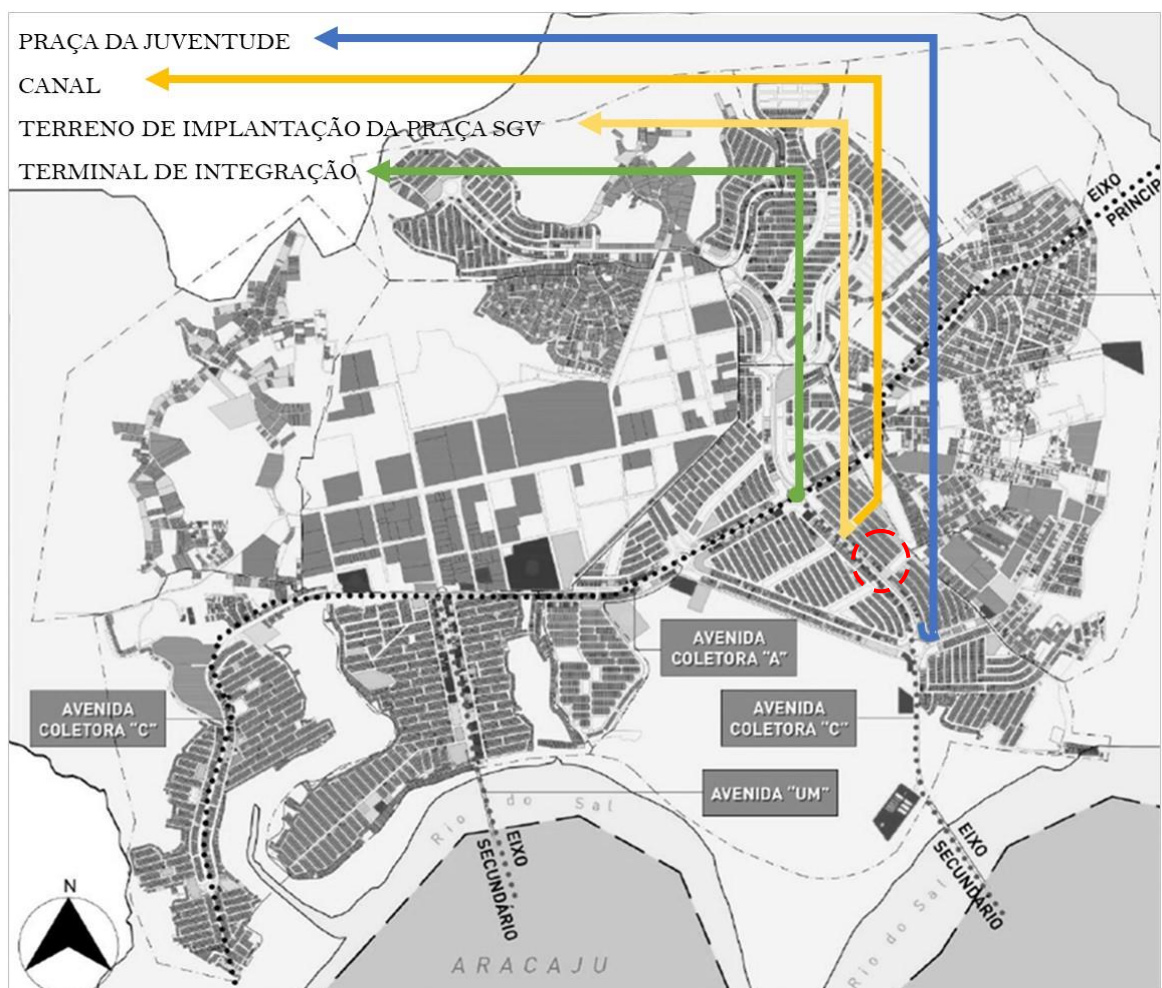
“Todo lugar está perigoso hoje em dia, na verdade. [...] Se você andar nos lugares mais movimentados é mais seguro do que nas ruas mais “mortas”. [...] Vou para o Shopping e ando de bicicleta na ciclovia pra me exercitar, o bom é que no caminho que eu faço ela é bem sombreada, mais ou menos dali da Praça da Juventude até o Shopping. Depois a ciclovia continua, mas é sem árvores, aí fica muito quente e também começa a ficar mais “morta” para lá, já não é tão tranquilo de andar. Você já corre o risco de voltar a pé (risos). [...] Eu vou [ao shopping] na maioria das vezes de ônibus, dá uns cinco minutos daqui pra lá, se o ônibus demorar fica em torno de uns dez minutos, no máximo, pra chegar lá. Então é bem tranquilo [...] porque tem um terminal quase aqui do lado, se for para ir em Aracaju é bem fácil também. [...] Às vezes [resolvo coisas em Aracaju, mas], boa parte dá pra resolver por aqui mesmo, tem o shopping, tem várias lojinhas por aqui por perto, supermercado, banco, essa coisas, que ficam nessas avenidas principais [Av. Coletora A, Av. Coletora C e Av. Um]. Só vou pra Aracaju se realmente não der para resolver por aqui.” (Trechos do depoimento de um morador, ver completo nas páginas 71-73, grifo meu)

No relato dos moradores está presente a simpatia pelo percurso das áreas que compreendem espaços arborizados, com calçada e ciclovia, cujo entorno permita atividades de comércio e serviços. Dessa forma as pessoas que habitam essas proximidades utilizam como trajetos diários as Av. Coletora A, Av. Coletora C e Av. Um, entendidas nesse estudo como área de dinamização urbana e econômica, tanto para atividades de cunho esportivo e lazer, como para atividades comerciais e de serviços, trazendo grande fluxo de pessoas para esses trajetos, conforme foi explicitado, anteriormente, na Figura 3.

## 1.2. Processo de construção da Praça Silvio Garcez Vieira

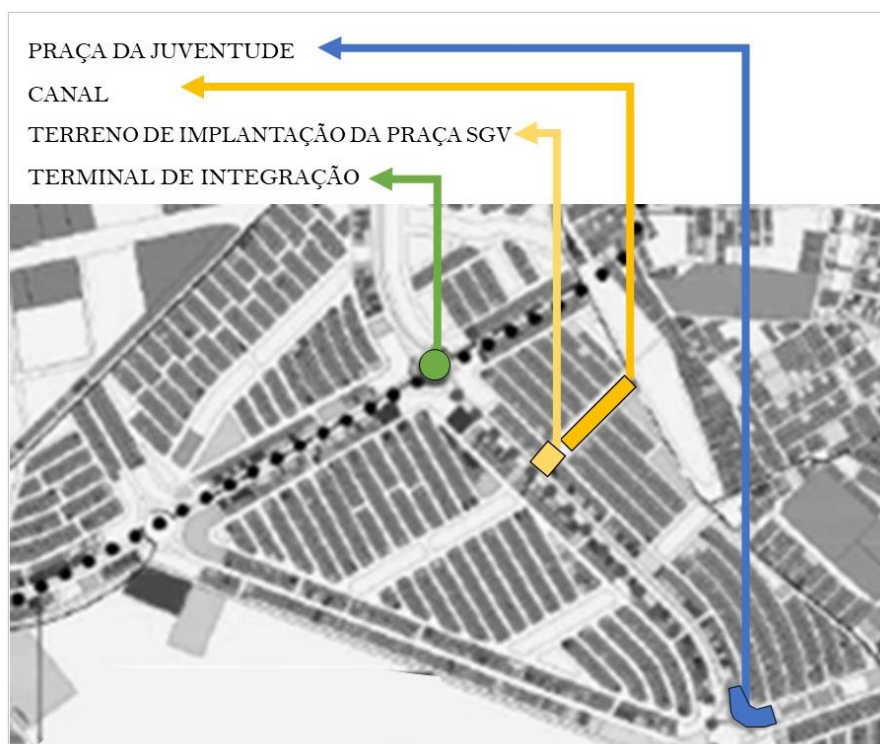
A atuação da Prefeitura Municipal de Nossa Senhora do Socorro tem se dado de forma preferencialmente, nos eixos dinamizados – formados pelas avenidas principais: Av. Coletora A, Av. Coletora C e Av. Um. O processo de implantação da Praça SGV confirma essa assertiva. Ela teve início nessa área privilegiada (pelos investimentos da iniciativa pública e privada). Até o ano de 2015, havia uma área vazia na Av. Coletora C, do Conjunto Marcos Freire II, entre o Terminal de Integração José Franklin de Oliveira Ribeiro e a Praça da Juventude, conforme as Figuras 5 e 6.

**Figura 5 - Localização do terreno em que foi implantada a Praça SGV.**



Fonte: Elaborado por Vinícius Rodrigues, 2017. Adaptado por Tatyane Teodoro, 2017.

**Figura 6 – Ampliação da localização do terreno de implantação da praça SGV.**



**Fonte: Elaborado por Vinícius Rodrigues, 2017. Adaptado por Tatyane Teodoro, 2017.**

Tratava-se de um local sem vida e utilidade, onde o abandono trazia riscos à saúde dos moradores, acúmulo de lixo, desconforto ao caminhar e insegurança noturna pela ausência de postes de iluminação, como é mostrado na Figura 7. O entorno desse terreno vazio era, em sua maior parte, de cunho residencial, com exceção da Avenida Coletora C, que tem predominância comercial, conforme foi mostrado na Figura 4.

Evidenciava-se, então, a necessidade de uma mudança nesse cenário em prol do aumento da qualidade de vida e melhoria da paisagem. Assim, foi iniciada em 2015, a construção da Praça SGV, sob a ação da prefeitura, que na época era comandada por Fábio Henrique de Carvalho. A intervenção, evidentemente, foi voltada para a Avenida Coletora C – um dos eixos de dinamização urbana –, pois a existência do canal que começa atrás da atual praça e se direciona para as áreas marginalizadas não foi incorporado à execução do projeto – embora o mesmo tenha sido solicitado<sup>5</sup> junto à câmara de vereadores –, revelando o possível interesse em melhorar apenas os eixos que tem predominância comercial e deixando de lado os problemas que abrangem o interesse da população, conforme a Figura 8.

<sup>5</sup> Ver anexo do documento de solicitação, na página 83, que diz “construção de uma praça e melhoria no canal que fica localizado na Av. Coletora C com Av. Perimetral C e Rua A-19, no conjunto Marcos Freire II”.



**Figura 7 - Terreno vazio visto a partir da Rua Perimetral C e da Avenida Coletora C.**



Fonte: Google – Street View, 2015. Adaptado por Tatyane Teodoro, 2017.

**Figura 8 – Localização do Canal atrás da Praça.**



Fonte: Google Maps, 2017. Adaptado por Tatyane Teodoro, 2017.

Assim, supõe-se que a implantação desse projeto se deu mais em favor de um planejamento de melhoramentos dos eixos – do qual a Av. Coletora C, faz parte –, do que pela população que viria a utilizar o espaço, pois além disso, o modo como se desenvolveu o processo de

construção revelou um enorme descaso com essa população. Reforça-se, ainda, que sua localização está inserida na área de maior dinamização urbana do Complexo Habitacional – ou seja, a área que recebe os maiores investimentos públicos e privados, bem como onde estão concentrados diversos usos – evidenciando um possível planejamento de melhoramentos, utilizado politicamente. Trata-se de um planejamento que acaba por ampliar a segregação socioespacial, pois não distribui as melhorias proporcionalmente na cidade. Dessa maneira, entende-se por planejamento urbanístico a ação de desenho urbano paisagístico comandada pelo Estado.

### **O projeto da praça**

O projeto da praça Silvio Garcez Vieira foi idealizado pelo ex-vereador Joel Fontes tendo em vista que o mesmo é morador da localidade desde 1987 e conheceu a família do fazendeiro Silvio Garcez Vieira que era o proprietário das terras que foram destinadas para a construção do Complexo Habitacional Taiçoca. Esse fazendeiro teve as terras – a fazenda Siri – desapropriadas para dar lugar ao Distrito Industrial e aos conjuntos habitacionais (PAIXÃO, 2017).

O Governo do Estado, através do decreto 4. 494 de agosto de 1979, desapropria uma área de 1700 hectares destinada a implantação do Projeto Urbano Integrado de Nossa Senhora do Socorro (FRANÇA, 1997, p. 130).

Dessa forma o ex-vereador fez uma homenagem batizando a praça com o nome do antigo proprietário, de acordo com documento fornecido pelo mesmo, em anexo na página 84. A indicação do local da praça também foi feita pelo ex-vereador que solicitou à câmara dos vereadores o melhoramento do canal que faz continuidade com o terreno escolhido para a construção da praça. No entanto, devido à entraves políticos na prefeitura, só foi executada a construção da praça (PAIXÃO, 2017).

Ressalta-se a boa intenção no anseio de melhorar o espaço urbano da cidade, no sentido paisagístico e de vivência urbana. Contudo, pela falta uma abordagem mais participativa, humana e democrática na produção do projeto – que foi feito apenas por membros da Secretaria de Planejamento do município –, o processo de implantação dessa ideia se desenvolveu de modo a desgastar a população e, no decorrer do processo, limitou-se apenas a exaltar o legado de um nome e não os anseios dessa população que consiste em um fator muito mais relevante e urgente.

### **Processo de implantação**

A Praça SGV foi construída de forma autoritária, utilizando mecanismos tradicionais de projeto (projeto de gabinete). Esse processo se desenvolveu de modo conflituoso e envolveu uma resposta da população local. Mas, apesar de utilizar métodos de projetos pouco democráticos, o resultado final do novo espaço urbano, no que concerne a sua utilização pela população, nas dinâmicas de uso e convivência humana, levam a crer que trouxe contribuições para a qualidade de vida dos que a utilizam, atualmente. Através do novo uso, o lugar proporciona lazer, encontros e espaços para a comercialização envolvendo a população local, permitindo o uso e a apropriação que deixa a praça

sempre frequentada, trazendo maior segurança aos transeuntes e moradores das áreas circundantes. Ainda que apresente alguns problemas projetuais – paisagísticos e de conforto ambiental.

Todavia, o processo até a conclusão dessa obra, apresentou indignação<sup>6</sup> popular, agravada pelo surgimento de problemas decorrentes da sua paralisação. Tudo leva a crer que tal interrupção se deu por questões políticas inerentes à prefeitura, onde a mesma não agiu em favor dessa população, quando, segundo a narrativa dos moradores e do próprio poder público, a obra ficou parada e nenhuma providência foi tomada para dar continuidade à finalização da obra.

Dessa maneira, na fase em que a paginação do piso, os canteiros e o pergolado já estavam prontos, os tapumes foram mantidos mesmo com a obra parada, inutilizando aquele espaço que já poderia servir, ao menos, como passarela, deixando de obrigar as pessoas a passarem pela rua, concorrendo com os carros e expondo-as ao perigo em determinados horários pela sua obstrução visual, conforme a Figura 9.

**Figura 9 – Simulação da obstrução visual causada pelos tapumes.**



**Fonte: Google – Street View, 2015. Adaptado por Tatyane Teodoro, 2017.**

Somados aos problemas já existentes anteriormente, agravaram-se outros com a inatividade da obra: o bloqueio visual da paisagem pelos tapumes foi o principal, sendo a origem das demais adversidades, pois criou: (1) esconderijos para criminosos atuarem com mais facilidade em todos os ângulos do terreno; bem como (2) becos isolando as casas que desembocam diretamente na praça, separados apenas por uma calçada – ainda que nos mapas constem como “Avenida A-21” (3), na prática é apenas uma calçada de 1,5m – como demonstra a figura 10 e 11.

<sup>6</sup> Relatada pela população (ver transcrição das entrevistas 02, 03 e 09, nas páginas 69, 71, e 78, respectivamente) e demonstrada pelo comportamento resistente que será descrito no decorrer dessa dissertação.

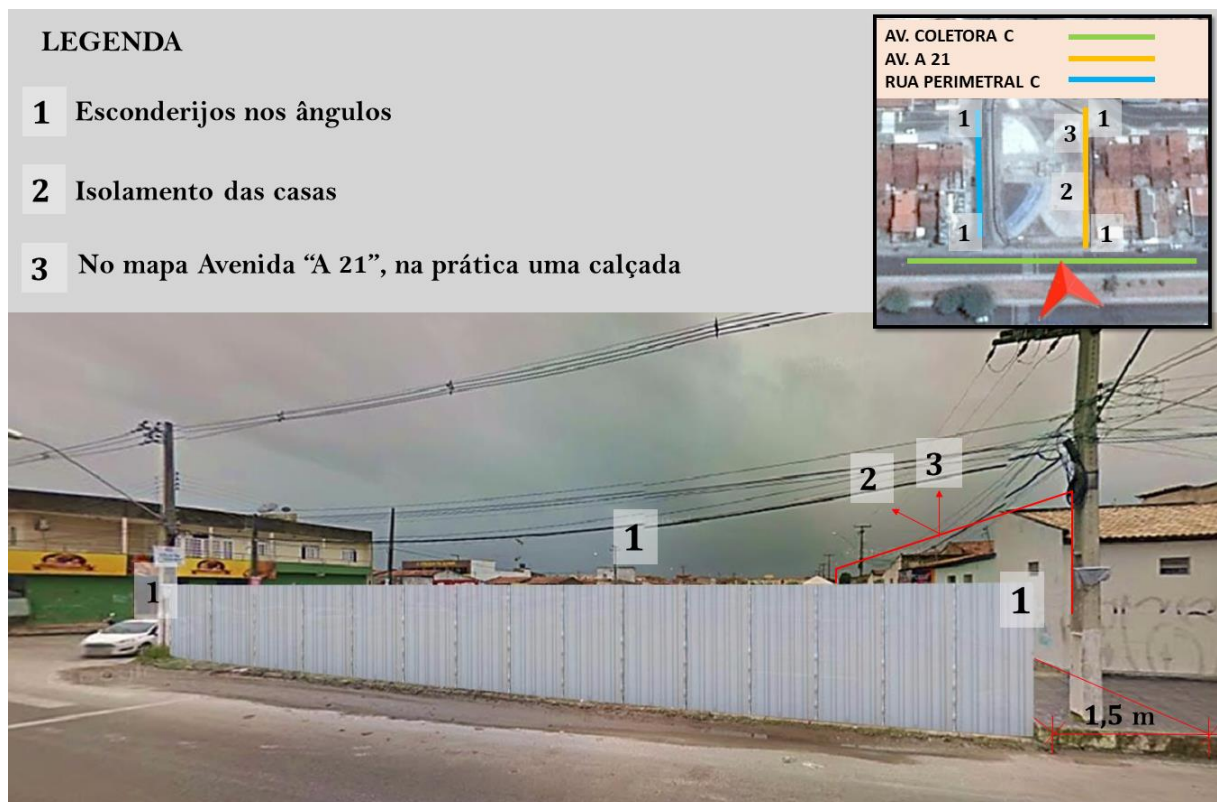


Figura 10 - Identificação do entorno da Praça.



Fonte: Google Maps, 2017. Adaptado por Tatyane Teodoro, 2017.

Figura 11 - Representação dos problemas causados pela obstrução visual.



Fonte: Google - Street View, 2015. Adaptado por Tatyane Teodoro, 2017.



Assim a relação desse espaço com as casas do entorno imediato ocorreu de modo bastante conflitante pois deixou o trecho mais perigoso, e assim, com menos pessoas transitando, contribuindo para o aumento da periculosidade no local.

Esse descaso culminou em uma ação de resistência por parte dos moradores, através da derrubada dos tapumes que cercavam o lugar, em abril de 2016. Essa “inauguração” forçada da praça foi a resposta dada aos riscos que o abandono estava oferecendo aos moradores e transeuntes das mediações. De acordo com uma moradora do beco formado pela fachada das casas e os tapumes, a situação era absurdamente desumana:

“[...] foi um tormento porque ficou só um beco. Fechou todo o quadrado da praça aí ficou um beco aqui pra gente. Era escuro, tinha assalto, ficou conhecido como “beco da morte”, saiu no jornal por conta dos assaltos. As pessoas desciam do ônibus aqui no ponto e aí como era tudo escuro e tudo fechado, ficava um [assaltante] em cada extremo do beco e esperavam a pessoa ir. Aí não tinha pra onde a pessoa correr, ou entregava a bolsa ou morria. Mesmo se saísse correndo a pessoa estava cercada. Às vezes ficava um no canteiro da Avenida [Coletora C], aí outro aqui no corredor. Não tinha pra onde correr. Foi terrível. [...] eu chegava do trabalho de noite, vinha rápido e já fechava tudo. Mas na madrugada a gente escutava as pessoas gritando. Por que tem gente que chega tarde do serviço, ou quem vai pegar ônibus logo cedo pra ir trabalhar. Foi difícil. Aí depois eu saí, fui morar fora daqui. Quando eu voltei foi já em dezembro de 2016, quando inauguraram [oficialmente]. Quando eu voltei já estava assim bonita, estavam terminando. Ficou ótimo agora. Mas com aquele beco estava terrível. [...] antes de eu ir embora já tinham começado a derrubar um pedaço [dos tapumes], esses daqui da frente das casas. [...] E aí as pessoas começaram a derrubar, tiraram um pedaço ali, outro aqui. Aí foram derrubando, depois ninguém aguentava mais, a mercearia mesmo foi roubada várias vezes porque ficava tudo fechado, foi nisso que ficou conhecido como “beco da morte”, porque estava dando medo mesmo. Eles vinham de noite e desligavam todos os contadores de luz pra ficar mais escuro, estava terrível. Aí a população derrubou.” (Transcrição completa nas páginas 78-80)

A Figura 12 mostra o lugar após a retirada dos tapumes. Estando resolvido, então, o problema de forma paliativa – a retirada dos tapumes –, pelas mãos da própria população, a mesma pode, finalmente se apropriar do espaço: transitando por ele e evitando dar a volta por fora dele, plantando nos canteiros vazios e utilizando a calçada como assento, uma vez que ainda não haviam bancos.

A realidade refletida nessa trajetória mostra que a população estava aberta para participar do processo lugar, fato demonstrado ao se apropriar dele e resistir às situações negligentes estabelecidas pela interrupção da construção – pois trata-se de um espaço que interfere diretamente nos seus cotidianos, dessa forma, nas diversas identidades. Mas o modo de fazer autoritário, imposto nesse projeto, aliado ao descaso do processo – que também deve ser parte do planejamento<sup>7</sup> –, indicam que os interesses dessa implantação eram mais de teor político e de transformação urbanística do que para melhorias na qualidade de vida e transformações sociais, dado que na

<sup>7</sup> Entende-se que planejamento urbano deve ser refletido como complemento inseparável do contexto que engloba a gestão, o desenho urbano e o desenvolvimento social, bem como todas as relações inerentes a cidade e seus usuários (SOUZA, 2002).

inauguração oficial o discurso político não levou em conta o risco que ofereceu à população durante esse processo que alcançou quase 2 anos.

**Figura 12 - Praça após a retirada dos tapumes.**



**Fonte: Acervo Tatyane Teodoro, 2016.**

Da derrubada dos tapumes até a inauguração oficial (21/12/2016), onde o espaço, enfim, recebeu a estrutura mínima e a limpeza, passaram-se 8 meses. De acordo com a Figura 13, os itens básicos que faltavam, como iluminação, assentos, lixeiras, parque infantil, bem como a pintura e conclusão do paisagismo, foram efetuados em torno de 2 meses antes da inauguração, ou seja, com execução rápida, mas que somou mais 6 meses sem alteração alguma até o início dessa segunda etapa que foi executada em apenas 2 meses (totalizando 8 meses após a retirada forçada dos tapumes). Tal fato demonstra, outra vez, a falta de compromisso da gestão (que faz parte do planejamento urbano) com as pessoas. Mas, quando finalizada, o número de usuários desse espaço aumentou notoriamente devido ao processo de resistência, que gerou a posterior apropriação do espaço, dando oportunidade para a comercialização através da oferta de pequenos serviços de cunho alimentício e de entretenimento para os usuários do espaço. O problema, então, não é relacionado à tectônica do projeto. Está ligado ao modo como se faz o planejamento e gestão urbana.

**Figura 13 - Praça Finalizada.**



**Fonte: Acervo Tatyane Teodoro, 2017.**

**Figura 14 – Praça Finalizada e Ocupada.**



**Fonte: Disponível em:**

**<[https://lh5.googleusercontent.com/p/AF1QipPfrBAE3oESg5hoGfgQsO\\_wkRgGqlh8ipJ\\_Kz1l=s490-k-no](https://lh5.googleusercontent.com/p/AF1QipPfrBAE3oESg5hoGfgQsO_wkRgGqlh8ipJ_Kz1l=s490-k-no)>. Acesso em: 20 de julho de 2017.**

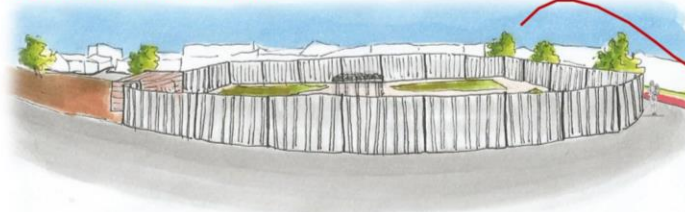


Figura 15 - Croquis que resumem a trajetória da praça SGV.

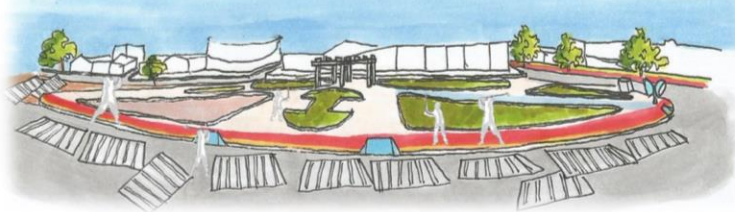
**TERRENO ANTES DA INTERVENÇÃO**



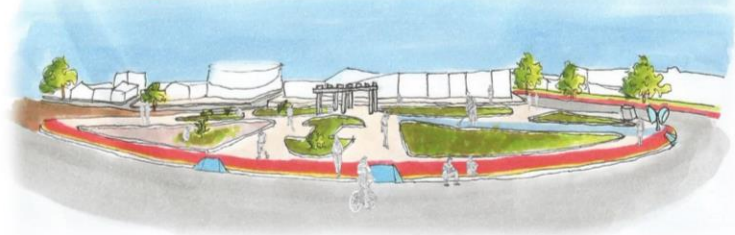
**OBRA ABANDONADA**



**RESISTÊNCIA**



**APROPRIAÇÃO**



**APÓS A INAUGURAÇÃO**



Fonte: Acervo Tatyane Teodoro, 2017.

Dessa forma, o contexto e o processo de construção da praça se tornam fundamentais para uma análise interdisciplinar no campo das ciências sociais, na medida em que as pistas para uma cartografia começam a ser reveladas apontando os atores sociais envolvidos. Assim, serão utilizadas as narrativas dos que habitam e dos que participaram da gestão local, tendo em vista conhecer suas trajetórias marcadas pelo descaso e resistência e relacioná-las com as novas abordagens do planejamento urbano.

## 2. PLANEJAMENTO URBANO E INTERDISCIPLINARIDADE

Diante do panorama acerca da implantação da praça SGV, torna-se relevante relacionar algumas noções vindas das ciências sociais como conceitos fundamentais para o planejamento urbano e suas consequentes intervenções na cidade. No sentido de apresentar esses conceitos – interdisciplinares – como conhecimentos importantes para a arquitetura e urbanismo visando compreensões mais amplas.

Ao discorrer sobre o planejamento urbano deve-se abordar também a gestão da cidade. Essas duas atividades são diferentes, entretanto, são interdependentes e complementares. A primeira se refere à um ensaio do futuro por meio da previsão de um fenômeno ou processo:

O planejamento urbano [...] é uma atividade que remete sempre para o futuro. É uma forma que os homens têm de tentar prever a evolução de um fenômeno ou de um processo, e, a partir desse conhecimento, procurar se precaver contra problemas e dificuldades, ou ainda aproveitar melhor possíveis benefícios (SOUZA, 2004, p. 15 e 16).

E o segundo, é a administração, no momento presente, desse planejamento que foi feito anteriormente:

A gestão é uma atividade que remete ao presente, ao aqui e agora. Ela é a administração de determinadas situações dentro de uma conjuntura, com os recursos disponíveis no presente, tendo em vista as necessidades imediatas (SOUZA, 2004, p. 16).

Dessa forma, é demonstrado que o planejamento depende da gestão para ser posto em prática devidamente e a gestão depende do planejamento para poder ter um contexto de execução. O planejamento é, então, a referência de ação da gestão, é a “preparação de uma gestão futura” (SOUZA, 2004, p. 17).

No entanto, para atender a complexidade da sociedade, a análise da realidade que gera o prognóstico do planejamento e orientará a gestão, deve ser entendida como um processo aberto e interdisciplinar. Planejamento e gestão – atividades políticas por excelência – também são resultado daquilo que a ação da população fizer deles através de ativismos e resistências em defesa dos seus interesses, envolvendo “relações de poder, conflitos e interesses de grupos, classes, instituições, empresas etc” (SOUZA, 2002; SOUZA, 2004).

### 2.1 Alternativas para o Planejamento Urbano

No Brasil o Estado tem, geralmente, colaborado para ampliar as desigualdades sociais por atender prioritariamente aos anseios das classes mais abastadas – é visto, comumente, como o

único responsável por planejar a cidade, entretanto, a própria sociedade pode desenvolver alternativas para solucionar os problemas observados no espaço urbano, pois são eles que conhecem os pontos negativos e positivos próprios dos espaços que fazem parte de seus cotidianos. No entanto, essa é uma alternativa pouco difundida e que não depende unicamente da sociedade para que seja realizada (SOUZA, 2004).

Além disso, o espaço urbano é produzido segundo à ordem do modo de produção dominante, onde o valor do solo é composto pela implantação de “infraestrutura, sistema viário, equipamentos”, isto é, fatores que contribuem para a sua apropriação e consumo. O consumo da cidade, dessa maneira, “se realiza segundo as possibilidades de renda de seus habitantes” e “a incapacidade de consumir caracterizará então, a ocupação de áreas periféricas da cidade, onde o valor do solo urbano é baixo e onde não são satisfatórios os serviços de infraestrutura e acessibilidade a centros de emprego e serviços” (REZENDE, 1982, p. 20).

A conduta recorrente do Estado em negligenciar a população pobre, segregando-a com a sua ação e maltratando-a com o entorno inativo das suas casas ou com processos impostos aos moradores, traz à tona a exigência de um tipo de ação que dê a todos o direito à cidade, uma vez que:

Raramente se pergunta aos moradores e usuários dos espaços afetados o que pensam de tais intervenções, e, quando isso acontece, fica-se apenas na consulta, sem que se dê às pessoas a oportunidade de participar, verdadeiramente, na busca de soluções para os problemas de seus bairros e suas cidades. [...] **planejar uma cidade deve ser algo essencialmente distinto: os próprios cidadãos devem poder decidir sobre os destinos dos espaços em que vivem, por meio de debates livres, abertos e transparentes. Os técnicos e estudiosos podem e devem participar, mas na qualidade de ‘consultores populares’** (SOUZA, 2004, p.14, grifo meu).

Essa nova abordagem, remete ao caso da Praça SGV, no Complexo Habitacional Taiçoca, onde a mesma foi imposta à população. Em última análise, a raiz do problema do planejamento, na maior parte das vezes, é a falta de respeito pelas pessoas, pela sua dignidade e entusiasmo pela vida (GEHL, 2015). Ou seja, as pessoas não estão tendo a oportunidade de participar verdadeiramente das intervenções na cidade, embora essa participação seja imprescindível pois “a missão da arquitetura é contribuir para a construção de novas relações entre as pessoas” (MONTANER, 2017, p. 14).

Nesse sentido, os ativismos sociais de caráter reivindicatório com preocupações acerca do aumento da justiça social, do combate à desigualdade e das críticas à segregação residencial, contribuem para a participação política e socialização das pessoas, além de abrir o debate sobre a subjetividade e a cultura, inerentes à identidade das pessoas:

Os ativismos abriram a perspectiva de se pensar a identidade das pessoas moradoras, levantaram questões sobre a cultura produzida nas favelas e periferias,

enfim, trouxeram para o debate temas ligados à **subjetividade, à identidade e à cultura**” (SOUZA, 2004, p. 94, grifo meu).

Assim, os planejadores críticos devem estar atentos à sociedade civil para que possam ser atingidos os objetivos de maior justiça social para o desenvolvimento da cidade, seja através de movimentos sociais ou da busca por compreender as tais questões através da interdisciplinaridade, mas sempre dialogando com a sociedade civil, em prol da maior parcela da população, os segregados e brutalizados pela cidade (SOUZA, 2002; SOUZA, 2004).

## 2.2. **Proposições urbanas contemporâneas e a sua aplicação no planejamento da cidade**

Diante de algumas experiências contemporâneas decorrentes de uma literatura que analisa o planejamento urbano através de processos que levam em conta a dimensão humana, cultural e política, verificam-se novas abordagens relacionadas às intervenções no espaço urbano que podem contribuir para o desenvolvimento urbano e social, buscando o distanciamento de problemas acerca do direito à cidade e da segregação socioespacial, contribuindo para a apropriação do espaço pela população.

### **Dimensão humana da cidade**

Diante dos problemas citados, as proposições de Gehl (2015), no tocante a um planejamento urbano que caminhe em conjunto com o desenvolvimento social, trazem como fator crucial para a qualidade de vida nas cidades, o espaço público e a relação das pessoas com o mesmo e em comunidade. Tratam-se de proposições baseadas em noções sociológicas e psicológicas acerca do espaço público. De modo que a cidade deve ser planejada para inspirar seus moradores a vivenciar o meio urbano para que possam gerar bons processos de interação e trocas humanas. Dessa forma, criando condições para o desenvolvimento humano. Tal planejamento requer espaços estruturados para não perder a sua dimensão humana, ou seja, a dimensão social, garantindo sustentabilidade social, segurança, democracia e liberdade através da mobilidade para que este seja um local de encontro. Assim, uma cidade humana é uma cidade diversa e vital. A vitalidade dos espaços está ligada a mobilidade voltada para a escala humana, a intensidade de pessoas circulando e ao compartilhamento da diversidade das identidades:

Um grande reforço desses objetivos [vitalidade, segurança, sustentabilidade e saúde] é uma intervenção política **unificada por toda a cidade** para garantir que os moradores sintam-se convidados a caminhar e pedalar, tanto quanto possível em conexão com suas atividades cotidianas (GEHL, 2015, p. 06, grifo meu).

As propostas de intervenção no espaço urbano que podem corresponder a uma abrangência uniforme nas cidades e reforcem o convite do andar a pé ou com veículos lentos, como a bicicleta, funcionam como um reforço da “função social do espaço da cidade como local de encontro que

contribui para os objetivos da sustentabilidade social e para uma sociedade democrática e aberta” (GEHL, 2015, p. 06). O autor, explana ainda, assim como Jacobs (2011), sobre a colaboração para a segurança através do caminhar e como a cidade faz o convite:

Em geral, reforça-se o potencial para uma cidade segura quanto mais pessoas se movimentam pela cidade e permanecem nos espaços urbanos. Uma cidade que convida as pessoas a caminhar, por definição, deve ter uma estrutura razoavelmente coesa, que permita curtas distancias a pé, espaços públicos atrativos e uma variedade de funções urbanas (GEHL, 2015, p. 06).

[...] a calçada deve ter usuários transitando ininterruptamente, tanto para aumentar na rua o número de olhos atentos quanto para induzir um número suficiente de pessoas de dentro dos edifícios da rua a observar as calçadas. Ninguém gosta de ficar na soleira de uma casa ou na janela olhando uma rua vazia. Quase ninguém faz isso. Há muita gente que gosta de entreter-se, de quando em quando, olhando o movimento da rua. (JACOBS, 2011, p. 34).

Dessa forma, a maneira como as pessoas percebem a cidade e se comportam é decorrente do tipo de experiência que os espaços proporcionam e da intenção dessas pessoas. Independente de qualquer circunstância as atividades necessárias, como ir trabalhar, acontecem. Já as atividades opcionais, ligadas ao lazer estão totalmente vinculadas ao que a cidade pode oferecer, como praças, por exemplo. E as atividades sociais são representadas por qualquer contato com outra pessoa no espaço da cidade, geralmente são consequências das atividades opcionais (GEHL, 2015).

Assim, o reforço da vida a pé, pode desencadear atividades sociais. Retomando o contexto do Complexo Habitacional Taiçoca, quando comparadas as áreas segregadas com os eixos de dinamização, percebe-se que a vivência urbana só é reforçada como local de encontro nos eixos citados anteriormente, onde é oferecido um caminho menos monótono através de usos comerciais, institucionais, de lazer e entretenimento, proporcionando o compartilhamento de diversidade através de atividades opcionais e sociais, conforme as Figuras 16, 17, 18 e 19, no entanto, as demais áreas ficam mais propensas apenas às atividades obrigatórias pela falta de atrativos que possam convidar as pessoas a caminhar, de acordo com as Figuras 20, 21, 22, 23 e 24, a seguir.



**Figura 16 - Caminhos dinâmicos: calçadas, ciclovia e canteiro gerando fluxo de pessoas em atividades opcionais. Avenida Coletora A, às 17 horas.**



**Fonte: Acervo Tatyane Teodoro, 2017.**

Nesses trechos da área estudada, onde a cidade faz um convite para as pessoas transitarem por ele, é comum que algumas parem e fiquem nos canteiros – levam banquinhos, cadeiras e até mesas – para contemplar o movimento, para ler ou para ficar interagindo em grupo, conforme as Figuras 17, 18 e 19.



**Figura 17 - Canteiro como espaço de permanência. Avenida Coletora C, às 7 horas.**



Fonte: Acervo Tatyane Teodoro, 2017.

**Figura 18 - Canteiro como espaço de permanência. Avenida Coletora A, às 17 horas.**



Fonte: Acervo Tatyane Teodoro, 2017.



**Figura 19 - Passarela central como espaço de permanência. Avenida Um, às 16 horas.**



Fonte: Acervo Tatyane Teodoro, 2017.

**Figura 20 - Caminhos monótonos. Ciclovia sem calçada e árvores no canteiro. Conjunto Fernando Collor.**



Fonte: Acervo Tatyane Teodoro, 2017.

**Figura 21 - Caminhos monótonos. Conjunto Albano Franco.**



**Fonte: Acervo Tatyane Teodoro, 2017.**

**Figura 22 - Caminhos monótonos. Conjunto Marcos Freire 3.**



**Fonte: Acervo Tatyane Teodoro, 2017.**



**Figura 23 - Caminhos monótonos. Loteamento Piabeta.**



**Fonte: Acervo Tatyane Teodoro, 2017.**

**Figura 24 - Caminhos monótonos. Loteamento Piabeta.**



**Fonte: Acervo Tatyane Teodoro, 2017.**

As figuras referentes aos caminhos monótonos estão dispostas neste trabalho de modo a representar cada Conjunto Habitacional segregado socioespacialmente em relação aos conjuntos mais dinamizados. Nota-se que não é frequente a presença de pessoas circulando por essas ruas e que as mesmas não possuem atrativos para convidar esse fluxo humano.

Embora as figuras não sejam nos mesmos locais, elas podem representar uma continuidade no que se refere à paisagem de acordo com que vai se distanciando dos eixos dinamizados, pois trata-se de uma configuração presente em todo o Complexo Habitacional Taiçoca: conforme vai-se afastando das áreas mais dinâmicas a paisagem vai se transformando até atingir características rurais. Dessa forma a figura 20 mostra a continuidade da ciclovia (que também continua nos outros conjuntos), no entanto, ela possui características diferentes das encontradas nas áreas mais privilegiadas: não possui calçadas e árvores. A figura 20, representa o que, comumente, se encontra depois da ciclovia nos conjuntos: apenas um canteiro central com mato rasteiro. Até chegar na configuração da Figura 23, que mostra uma rua sem pavimentação, saneamento e com a presença de animais (como cavalos, bois e galinhas) soltos.

A partir dos diferentes graus de dinamização do Complexo Habitacional, pode-se reforçar que existe uma grande disparidade com a realidade da área em estudo e o princípio da sustentabilidade social, que consiste em “dar aos vários grupos da sociedade oportunidades iguais de acesso ao espaço público e também de se movimentar pela cidade” (GEHL, 2015, p. 109). Nas figuras 16 a 23, fica evidente que as pessoas que residem nas proximidades dos caminhos dinâmicos têm acesso a paisagens e oportunidades diferentes das que habitam nas proximidades dos caminhos monótonos.

A relação da localização da Praça, objeto desse estudo, com o contexto dinâmico do eixo, coincide também com “os componentes básicos da arquitetura urbana”, indicados por Gehl (2015, p. 38), “enquanto a rua sinaliza movimento”, “psicologicamente a praça sinaliza permanência”, ou ainda, os canteiros das ciclovias. No momento em as pessoas passam pelo local para irem aos seus destinos de atividades necessárias, podem ver algo que lhes chamem a atenção e as convida a fazer uma parada no espaço de permanência, viabilizando o contato com outras pessoas. De fato, segundo a percepção empírica, a praça em estudo está sempre movimentada, bem como os caminhos dos eixos de dinamização, mas o autor propõe uma metodologia para identificar o nível de vitalidade, quanto a quantidade e qualidade, nos espaços públicos:

A vida no espaço urbano, como experimentamos, movimentando-nos pela cidade, é uma questão de quanto existe para se ver e experimentar, dentro do campo social visual de mais ou menos 100 metros. A atividade no campo visual está vinculada à quantidade de outras pessoas presentes e ao tempo de permanência de cada usuário. O nível de atividade é simplesmente um produto do número e do tempo. **Muitas pessoas movimentando-se rapidamente pelo espaço pode significar bem menos vida na cidade do que um grupo de pessoas que passam algum tempo ali** (GEHL, 2015, p. 71, grifo meu).

A relação do número de pessoas e do tempo que permanecem no espaço urbano representa, então, uma ideia do que acontece nos locais onde são aplicados, revelando se funciona como um local de permanência – e então propício a gerar experiências sociais mais significativas – ou se são locais utilizados mais para passagem – diminuindo as chances interação social.

De acordo com essa metodologia, a praça analisada, é tanto um local de permanência quanto um local de passagem, isso é possível devido às questões ligadas ao conforto térmico e à falta de proteção contra intempéries. Ou seja, durante o dia quando o calor está mais intenso, as pessoas não se sentem convidadas a permanecer, bem como quando há a presença de chuva, por não haver estruturas de proteção que possam abrigar as pessoas desses fenômenos naturais, como ilustrado nas figuras 25, 26 e 27.

**Figura 25 - Praça como espaço de permanência, às 16 horas.**



Fonte: Acervo Tatyane Teodoro, 2017.

**Figura 26 - Praça como espaço de permanência, às 20 horas.**



Fonte: Acervo Tatyane Teodoro, 2017.

**Figura 27 - Praça como espaço de passagem, às 8 horas. Pessoas transitando sem permanecer.**



Fonte: Acervo Tatyane Teodoro, 2017.

A importância das relações sociais na cidade está na base da sua dimensão humana, uma vez que é inerente à diversidade social. As trocas e experiências coletivas no espaço da cidade tornam o espaço democrático, favorecendo a interação da massa crítica:

A cidade como local de encontro também é uma oportunidade para trocas democráticas, onde as pessoas têm livre acesso para expressar sua felicidade, tristeza, entusiasmo ou raiva, em festas de rua, manifestações, marchas ou encontros. Além dos vários encontros diretos com os cidadãos, essas manifestações são uma condição indispensável para a democracia (GEHL, 2015, p. 157)

Velho (2013, p. 62-68), explana sobre os princípios do projeto a partir da sua dimensão humana, assim, independente do lugar, das circunstâncias e para quem se destina o projeto – urbano ou arquitetônico –, deve-se projetar com qualidade. Trata-se do respeito às pessoas, independente da classe social. O significado de projeto vai muito além de um plano para execução de algo a ser construído no futuro, abarca principalmente as questões inerentes às pessoas, isto é, às diferentes identidades – vida e ações – dos indivíduos coletivos baseada na memória “que fornece os indicadores básicos de um passado que produziu as circunstâncias do presente, sem a consciência das quais seria impossível ter ou elaborar projetos”, dessa forma “o projeto é resultado de uma deliberação consciente, a partir das circunstâncias, do campo de possibilidades em que está inserido o sujeito”. Portanto, projetar com qualidade significa considerar principalmente o grupo social a que se destina o projeto, pois este deve ser resultado da própria trajetória desses sujeitos, ao mesmo tempo que, também “a identidade depende dessa relação do projeto e do seu sujeito com a sociedade, em um permanente processo interativo”. Dessa forma, o projeto bem como seu processo, deve estar ligado a quem ele se destina.

No caso da implantação da praça, objeto de estudo deste trabalho, o processo se mostrou divergente dessas premissas antropológicas de projeto, uma vez que as pessoas não participaram nem da concepção e nem da construção, exceto a “participação” tardia estimulada pela resistência às condições negligentes impostas à população pelo descaso do poder público.

### **Dimensão cultural da cidade**

Vivant (2012) discorre sobre a questão do urbano atualmente, abordando temas de arquitetura, sociologia e artes que compõem um conceito de cidade criativa. No contexto em que os governantes anseiam atrair novos empreendimentos para a cidade, numa perspectiva de ascensão econômica, como é o caso do Complexo Taíçoca em Nossa Senhora do Socorro, a autora reforça a importância da valorização da cidade também através dos criativos, os produtores de cultura, isto é, as pessoas que habitam o local e se relacionam com ele, de maneira que a cidade proporcione um cenário que possibilite o seu desenvolvimento a partir do imaginário dessas pessoas.

O homem como ser cultural, é um ser social, pois através da interação e comunicação com os outros transmite a cultura. Dessa forma, essa possibilidade de transmitir costumes, regras e



crenças é que faz a cultura inerente ao ser humano. A comunicação é repleta de símbolos e para entender um símbolo é necessário estar inserido no contexto cultural que o criou. A cultura define o modo como o grupo enxerga o mundo, assim, dita o seu comportamento (LARAIA, 2008). Esse entendimento, torna a abordagem interdisciplinar e antropológica essencial. Assim, para que a cidade seja reflexo dos seus moradores é preciso que seja idealizada, planejada e projetada de acordo com as práticas cotidianas de quem ela se destina. E, isso só parece ser possível através do contato com a realidade em que se pretende intervir.

As relações sociais fazem parte do processo cultural urbano proporcionado pelo espaço da cidade, assim, o ser humano deve ser entendido através da sua cultura – costumes, comportamentos, estilo de vida –, que se reflete no comportamento social, ou seja, a cultura demonstra como um grupo social se ajusta às condições ambientais à que é submetido (LARAIA, 2008). Por isso, o processo de implantação da Praça construída no Complexo Habitacional Taiçoca constitui uma reflexão pertinente, pois um grupo social foi submetido às condições negligentes, ainda que de caráter temporário, mas que, certamente, modificou ou interferiu nos costumes, estilo de vida e o modo de enxergar a cidade, fatores refletidos no comportamento e no discurso.

Alguns relatos podem exemplificar tais mudanças de hábito:

“[...] eles [a prefeitura] estavam demorando terminar o serviço, aí o pessoal quando descia do ônibus era assaltado, vinham da escola, do trabalho e estavam sendo assaltados. Ficou muito perigoso com a cerca [tapumes]” (Transcrição completa nas páginas 81-82).

“Foi terrível. [...] eu chegava do trabalho de noite, vinha rápido e já fechava tudo. Mas na madrugada a gente escutava as pessoas gritando. Por que tem gente que chega tarde do serviço, ou quem vai pegar ônibus logo cedo pra ir trabalhar. Foi difícil. Aí depois eu saí, fui morar fora daqui. Eles vinham de noite e desligavam todos os contadores de luz pra ficar mais escuro, estava terrível. Aí a população derrubou [os tapumes]” (Transcrição completa nas páginas 78-80).

“[...] depois que começaram a construir teve o cercado que tampou toda a visão, ele era pra proteger a gente dos estilhaços da construção, guardar o material da obra... Mas aí, com o tempo, ele ficou atrapalhando o trânsito, os carros perdiam a visibilidade pra fazer a curva e os pedestres tinham que passar pela rua que é o espaço dos carros. Provavelmente, essa cerca servia de esconderijo para as pessoas mal-intencionadas estarem assaltando, já até ouvi gritos daquela direção” (Transcrição completa nas páginas 71-73).

O modo como a cidade é percebida tem significativa importância pois através da comunicação as pessoas transmitem a sua leitura espacial e, a partir disso, tais espaços podem se tornar bons ou ruins de acordo com essa assimilação compartilhada do espaço. Os relatos demonstram que houve uma compreensão negativa acerca do espaço da praça quando os moradores e transeuntes são convidados a buscar na memória como foi conviver com o seu processo de implantação. Acerca disso, Gehl (2015) explica que:

Se a meta é criar cidades que funcionem, os esforços devem concentrar-se em todos os **aspectos culturais menos óbvios, que pesam na forma como percebemos** os bairros individuais e as sociedades urbanas (GEHL, 2015, p. 109, grifo meu).

Então, o conceito de dimensão humana da cidade perpassa o da dimensão cultural. Se a dimensão humana consiste no respeito às pessoas através de como o espaço urbano pode ser apresentado às mesmas, a dimensão cultural se expressa em como as pessoas vão perceber esses espaços e como vão enxergá-los, mesmo que sejam situações temporárias, uma vez que “a cultura é como uma lente através da qual o homem vê o mundo [Ruth Benedict]” (LARAIA, 2008, p. 67).

Dessa forma, a cultura se modifica de acordo com o contexto social e o espaço físico interligado à comunidade, isto é, muito mais que cenário das expressões culturais essa conjuntura é seu componente estrutural, uma vez que se relacionando diariamente com determinadas condições econômicas e sociais, vai-se alterando ou desaparecendo certos costumes, valores, normas, relações sociais – que devem ser abordados com contribuições da antropologia e sociologia, fugindo do entendimento linear e buscando compreensões acerca dos processos econômicos e de dominação política (AYALA, 2003).

Além da comunicação e estilo de vida, a cultura se expressa por manifestações artísticas onde “as pessoas tocam música, cantam, dançam, jogam, exercitam-se e praticam esportes nos espaços públicos” (GEHL, 2015, p. 158) ou por percursos artísticos onde o grafite “torna-se um modo de expressão política reproduzido na cidade” (VIVANT, 2012, p. 28).

Fazendo um paralelo dessas manifestações com o objeto de estudo deste trabalho e seu entorno é muito mais clara a presença de pessoas se exercitando (constantemente); tocando música, cantando, dançando e jogando capoeira (ocasionalmente), de acordo com a Figura 28 e 29, bem como a narrativa dos moradores. No entanto, as expressões como grafite são muito escassas nas mediações

[O espaço] hoje está bom, está habitado, vem gente de outros bairros. Vem grupos fazer suas manifestações. Música, cultos, grupos de dança, de capoeira. Então com a praça aí, está bem melhor que antes, porque a presença de gente aqui, traz mais movimento, mais segurança. (Transcrição completa na página 69 a 71).

**Figura 28 - Grupo de capoeira utilizando o espaço da praça.**



**Fonte: Acervo Tatyane Teodoro, 2017.**

**Figura 29 - Grupo religioso fazendo culto na praça.**



**Fonte: Acervo Tatyane Teodoro, 2017.**

A experiência empírica deste trabalho mostra que este espaço público – a praça – é um palco para vários tipos atividades ligadas à cultura, lazer e esporte, sem necessariamente, serem exclusivos para esse tipo de uso, configurando-se como característica positiva e que contribui para a vivacidade no local, bem como para as trocas humanas entre os seus usuários. Para Vivant (2012), a construção de lugares com funções predeterminadas inflexibilizam usos diferenciados para os espaços urbanos – que devem permitir o maior número de eventos possíveis, já que espaços flexíveis permitem usos diversos. Gehl (2015), reforça essa ideia sustentando que:

Em vez de uma política enfatizando locais especiais para atividades específicas, a política urbana deveria se basear nos princípios do fixo [o espaço urbano, arcabouço da vida cotidiana], do flexível [instalações temporárias e eventos que podem ser rotativos na cidade] e do fugaz ou passageiro [eventos menores] (GEHL, 2015, p. 161).

Portanto, a cidade criativa se dá pela dimensão cultural e está ligada à ideia de serendipidade<sup>8</sup> e da caminhada, no sentido de vivência urbana e interação social, nos mais variados tipos de atividades sociais. Dessa maneira, a expressão da cultura é reforçada em complemento das diretrizes da dimensão humana. Pode-se ressaltar que o objeto de estudo, após a sua inauguração, configura-se como um local que proporciona boas trocas humanas devido à apropriação dos moradores que reforçam a vivência urbana, ainda que o espaço carregue uma memória negativa quanto ao seu processo – para aqueles que participaram dele –, bem como a ausência de arborização e estruturas de proteção contra intempéries que limitam a frequência dessas trocas.

### Dimensão política da cidade

Como já foi mencionado, o planejamento urbano não é uma ação exclusiva ao Estado e nem é a solução para os problemas da cidade, quando trabalhado isoladamente. Acerca dessas questões, vê-se que a solução tem sido em favor das centralidades aumentando a desigualdade social (SOUZA, 2004). A lacuna entre as duas realidades espaciais do Complexo Habitacional Taíçoca se torna clara devido às oportunidades estarem limitadas apenas a uma parcela da população – a fração que reside inserida numa paisagem dinâmica que oferece usos comerciais, institucionais, de lazer e entretenimento, proporcionando o compartilhamento de diversidade através de atividades opcionais e sociais. Acerca disso, Gehl (2015) discorre que:

Os problemas são bem mais urgentes nas sociedades urbanas de baixa renda, porque a lacuna entre ricos e pobres é muito grande, **com a pobreza generalizada limitando as oportunidades dos grupos marginalizados da população**. Encarar os problemas dessas sociedades requer novas prioridades de recursos, políticas urbanas visionárias e lideranças competentes (GEHL, 2015, p. 109, grifo meu).

Atividades políticas como o planejamento e a gestão, são o resultado daquilo que a ação da popular fizer deles podendo definir o perfil da ação do Estado. Dessa forma, o papel dos técnicos e estudiosos do planejamento e da gestão deve ser o de consultores do conjunto de cidadãos organizados, que compõe as lideranças sociais. Contudo, Souza (2004) alerta:

[...] não negligenciar ou não menosprezar as estratégias institucionais não significa que os ativismos devem abrir mão de um espaço autônomo de organização, mesmo (ou principalmente...) quando o Estado se abre para a participação popular e cria canais de diálogo e negociação com os ativistas. Caso contrário, algo que em princípio é positivo [...] pode acabar desembocando em uma ‘domesticação’ dos ativismos, na atrofia de sua capacidade propositiva e, consequentemente, em um retrocesso político-pedagógico (SOUZA, 2004, p. 117 e 118).

Os ativismos sociais podem chegar a construção de ‘contraplanejamentos’, ou seja, soluções alternativas ao planejamento oficial, assim não cabe somente ao Estado a atividade de

---

<sup>8</sup> Serendipidade: termo que expressa o papel do acaso nas descobertas, no encontro de algo que não se estava procurando. É também um caráter e uma qualidade próprios da caminhada e da deambulação na cidade. A criatividade se alimenta da serendipidade (VIVANT, 2012, p. 82 e 83).

planejamento e gestão urbana. Considerando que participar, é quando “a população tem *poder de decisão*” e “para realmente ser autêntica, essa instância deve ser deliberativa (isto é, ter um verdadeiro papel decisório), e não apenas consultiva”, a participação torna-se um caminho para o desenvolvimento da identidade da população com os espaços, levando à apropriação do lugar. (SOUZA, 2004, p. 78)

Nesse sentido, Montaner (2017) apresenta, diante da necessidade da renovação crítica, uma refundamentação teórico-prática da arquitetura e urbanismo, fundamentadas em três eixos instrumentais vinculados a ela: os diagramas, as experiências e as ações.

Os diagramas de Montaner consistem em reconhecer a realidade e o contexto em diagramas prospectivos para projetar abertamente o futuro, respondendo aos novos impulsos sociais, culturais, energéticos e ambientais. Funciona como intermediário entre as experiências, instrumento para a participação e ativismos. Dessa maneira, o diagrama isoladamente não é suficiente, as experiências interdisciplinares ajudam a sair da sua abstração, aproximando a arquitetura e o urbanismo de ciências sociais como a filosofia, sociologia, antropologia e geografia. O conceito de diagrama se dá a partir das contribuições da experiência em relação aos estilos de vida contemporâneos (MONTANER, 2017).

A experiência – outro eixo apresentado pelo autor – coloca as intenções dos criadores em sintonia com as vivências, necessidades, desejos e aspirações dos usuários, reforçando a arquitetura contemporânea enquanto construção social. Em arquitetura e urbanismo, a essência não está no protagonismo do indivíduo e sim na coletividade e suas relações no contexto (MONTANER, 2017).

O que o autor propõe é uma arquitetura política, cujo objetivo é contribuir para a construção de novas relações sociais entre as pessoas, como um processo aberto em um sistema complexo. Trata-se do fenômeno de promover a ação – terceiro eixo dessa proposição – das pessoas a partir da postura ativa dos arquitetos ou dos arquitetos que trabalham a partir de ativismos (MONTANER, 2017).

Dessa forma, o entendimento do espaço urbano neste trabalho não é apenas caracterizado por fronteiras, mas, principalmente, por seus vínculos de relações sociais. A maneira que as pessoas se relacionam com o espaço implica em uma afirmação de identidade específica envolvendo relações de poder – onde o poder não existe como privilégio adquirido. Na verdade, o poder não é propriedade e sim estratégia exercida, ou seja, o espaço da cidade é entendido não como espaço territorial, mas como palco de relações sociais onde se exerce o poder uns sobre os outros (FILHO; TETI, 2013). Para entender essas relações de poder “talvez devêssemos investigar as formas de resistência e as tentativas de dissociar estas relações” procurando “localizar sua posição, descobrir seu ponto de aplicação e os métodos utilizados” (FOUCAULT, 1995, p. 234).

Assim, essa configuração urbana transforma/subjete/institui as pessoas através das relações de poder. Tratam-se de práticas sociais que se manifestam a partir de relações de dominação formadas para manter e disciplinar a população no sentido de reproduzir e garantir a ordem instalada, promovendo e provocando comportamentos, hábitos, estratégias de aceitação e/ou de resistência. Assim, ao mesmo tempo em que inibem reações, podem provocar práticas sociais de resistências à subordinação a que estão submetidas (FOUCAULT, 1979).

No caso do Complexo Habitacional, os eixos de dinamização urbana podem ser entendidos como dispositivos responsáveis pelo controle do comportamento e pela manutenção do padrão urbano segregado dessa população, uma vez que as trajetórias legítimas das pessoas, reflexos da configuração urbana, ditam até onde se pode ir com segurança e por onde vão encontrar lazer, serviços e comércio, definindo, então, seus percursos diários. Assim, quem reside em tais locais preserva sua autoestima de cidadão, já quem habita fora desses limites de oportunidades, encontra-se numa área marginalizada e esquecida que gera baixa autoestima nos moradores.

Nesse contexto, a praça foi construída dentro da área dinamizada reforçando esse padrão urbano já existente, no entanto, o desenvolvimento da sua construção acentuou a violência e alterou a autoestima dos moradores do entorno imediato de forma negativa. Dessa imposição de circunstâncias foram geradas práticas de resistência – na expressão da derrubada dos tapumes – que culminaram na apropriação do local, tendo em vista que a sua ocupação evitaria que os tapumes fossem recolocados. Após a apropriação, a autoestima dos moradores foi elevada, contribuindo para a qualidade de vida no local.

Dessa forma, o urbanismo cartesiano – que entende a cidade através de suas fronteiras e incorpora a noção de projeto como pensamento único da arquitetura e da cidade – não é capaz de revelar as representações que envolvem as carências e anseios da população, pois não trata o espaço como palco de relações sociais onde existem vínculos entre as pessoas e a espacialidade da cidade, evidenciando a necessidade da interdisciplinaridade na produção e na manutenção dos espaços citadinos.

### **2.3. Ciências sociais como campo de conhecimento relacionado à arquitetura e urbanismo**

Com base nas primeiras análises deste capítulo, entende-se que o planejamento e gestão urbanos não são domínios restritos apenas à arquitetura e urbanismo. Assim, a abordagem interdisciplinar sobre as questões urbanas deve abranger outras ciências sociais através de noções antropológicas (cultura como um sistema de valores e crenças que dão sentido à vida guiando os comportamentos), sociológicas e psicológicas (como o espaço urbano pode influenciar na percepção urbana e no comportamento coletivo), bem como políticas (instrumentalização da população para a melhoria dos espaços da cidade). Essas ciências compõem as dimensões humana, cultural e política da

cidade. Essa abordagem aproxima-se da realidade urbana e, dessa forma, pode atender a cidade de acordo com a sua conjuntura rizomática.

Dessa forma, o conjunto planejamento e gestão urbanos como ciência social aplicada, deve ser interdisciplinar para corresponder à complexidade das cidades. Conforme o exposto, as problemáticas urbanas, não são inerentes somente à arquitetura e urbanismo, assim, a cooperação intensa, conjunta e coordenada entre os especialistas sociais em seus saberes disciplinares variados compõe a verdadeira interdisciplinaridade no planejamento urbano, em sua finalidade comum – o desenvolvimento social no espaço da cidade (SOUZA, 2002).

É importante distinguir as duas linhas de ação do planejamento urbano, uma com preocupações meramente econômicas e outra com responsabilidade social. Uma reforma urbanística diz respeito às intervenções físicas no espaço urbano, como obras de embelezamento, uma transformação material do espaço, negligenciando a questão social da cidade. Já a reforma urbana “representa uma transformação da sociedade e do espaço, tendo por objetivos melhorar a qualidade de vida da população, elevar o nível de justiça social e democratizar as práticas de gestão e planejamento” (SOUZA, 2004, p. 62).

O pensamento crítico e as novas abordagens conduzidas pela interdisciplinaridade, buscam fundamentar nas ciências sociais a instrumentalização da participação dos sujeitos sociais, tendo em vista, a construção de uma cidade que alcance a população como um todo. Dessa forma, é discutida uma abordagem profissional acerca da interdisciplinaridade:

Nenhuma das disciplinas sustentadas pela divisão do trabalho acadêmico em vigor, de cunho positivista, e a qual se baseia em um esquadramento da realidade social concreta em partes (“estruturas”, “subsistemas” etc.) pretendidamente autônomas (economia, política, cultura, espaço, história), consegue dar conta dos processos e fatores que explicam a transformação das relações sociais e a produção do espaço social, sobretudo no caso de um ambiente complexo como o urbano. (SOUZA, 2002, p. 100-101).

Por essa razão, a prática profissional interdisciplinar – e não dividida – na contemporaneidade deve atingir patamares cada vez mais abrangentes para se diferenciar do histórico recorrente de insucesso na área do planejamento urbano, no que toca a dimensão humana, cultural e política da cidade. Ao aceitar o estabelecimento das correspondências entre os vários ramos disciplinares inerentes ao planejamento do espaço urbano, respeitando cada um em sua especificidade – pois não se trata da junção dos mesmos e sim de uma colaboração entre eles –, é possível promover compreensões mais amplas.

#### **2.4. Narrativas do cotidiano**

As paisagens urbanas guardam na sua materialidade as lembranças e as práticas de quem nela habita. Dessa forma, sua singularidade é decorrente do valor dado à experiência com o real em

uma criteriosa articulação entre o pré-existente na cidade, com atenção especial à paisagem humana, e o modo de viver (BOGÉA, 2017).

Nessa perspectiva, as narrativas do cotidiano são capazes de aproximar a pesquisa à experiência com o real. A análise inserida no contexto urbano busca revelar quais são seus rebatimentos no cotidiano e que reflexos ecoam nas pessoas. Assim, as narrativas que fazem parte da vida urbana, caracterizam os vínculos sociais e o comportamento na espacialidade da cidade.

Neste trabalho serão consideradas as narrativas do cotidiano e os discursos dos atores sociais constituídos pelo poder público, representado pelos envolvidos com a prefeitura e pela população que utiliza a praça e suas mediações. Segundo Foucault (1977, p. XVIII), o discurso está relacionado com experiência, ou seja, com a “relação do significante com o significado”. Dessa forma, o sentido do discurso é o que se diz nas narrativas vinculado ao que se vê na distribuição espacial dos sujeitos.

Para Certeau (2012, p. 163), o cotidiano se engendra pelas práticas de ação coletiva baseada no estudo das relações sociais e não de um indivíduo isolado. E o palco de tais relações é a cidade:

Certamente, os processos do caminhar podem reportar-se em mapas urbanos de maneira a transcrever-lhes os traços e as trajetórias. [...] Manifesta a propriedade (voraz) que o sistema geográfico tem de poder metamorfosear o agir em legibilidade.

Dessa forma, o agir é fruto do contexto e o cenário é a cidade. Como rebatimentos do cotidiano da população nos espaços urbanos têm-se as dinâmicas urbanas que influenciam o movimento da população na cidade, destacando os percursos que preferem fazer e os que evitam, bem como os horários que preferem utilizar cada espaço urbano de permanência. E as influências que permitem interações e trocas humanas, ou seja, locais que estimulam a comunicação – expressão mais natural da cultura – seja com o próprio espaço urbano, seja entre as pessoas.

De acordo com a legibilidade das pessoas sobre o local, as narrativas a seguir revelam o funcionamento da vida no urbano. Assim, como dinâmicas urbanas ressaltam-se as influências do sistema viário, a inserção metropolitana, a economia urbana e o uso do solo – os espaços sem utilização, a fragmentação e a segregação socioespacial – bem como as trocas humanas, estudadas na praça.



### 3. COTIDIANO DA PRAÇA SILVIO GARCEZ VIEIRA

Este capítulo reúne observações acerca das narrativas dos atores sociais ligados à questão da Praça Silvio Garcez Vieira (SGV) com uma compreensão social – nas três dimensões da cidade – do processo evidenciado na praça e sua inserção urbana marcada pelo eixo de segregação socioespacial que se consolida junto ao Complexo Habitacional Taíçoca. Diante disso, são analisados os desdobramentos das narrativas dos que habitam e dos que participaram da gestão local, tendo em vista conhecer suas trajetórias marcadas pelo descaso e resistência, relacionando-as com as novas abordagens do planejamento urbano.

#### 3.1 Lições da vida urbana

As narrativas do cotidiano revelam, então, os rebatimentos causados pela construção da praça, no tocante ao processo de implantação e a posterior apropriação do espaço – reflexo da resistência –, bem como às mudanças do cenário do entorno imediato.

#### Concepção projetual e enfrentamento da violência

O primeiro ponto a se considerar é que não se pode fazer um projeto sem levar em conta o imaginário dos usuários. A tecnocracia foi a responsável pelo projeto da praça, no entanto, de acordo com as abordagens contemporâneas, poderia ter sido um processo participativo. Entretanto, chegou-se próximo de haver oportunidade de inserir os anseios das pessoas no projeto, contudo, quando o idealizador foi convidado a verificar se o projeto estava de acordo com o esperado, o mesmo limitou-se apenas a dar o seu aval, quando poderia ter levado à comunidade, onde ele mora (em frente à praça):

“o secretário me ligou para eu ir ver o projeto, para ver o que poderia ser alterado, colocar um banquinho, uma mesinha... Mas aí eu fui lá e vi que realmente ficou bonita do jeito que ele me mostrou, aí eu não pedi para modificar nada. Pois é, esse negócio de projeto, planta, desenho é com a Secretaria de Planejamento” (Transcrição completa nas páginas 75-77).

Fica evidente o despreparo e desatualização do modo de trabalhar do poder público, no caso estudado, em relação às novas abordagens inerentes ao planejamento e gestão de uma cidade. As pessoas gostariam de ter participado, mas devido a uma prática arcaica de projetar, aspectos simples – que estavam no imaginário dos moradores locais – não entraram na concepção projetual:

“**Eu queria ter pedido mais árvores.** [...] continuar essa imagem daqui da praça para a direção do canal. [...] Quem sabe plantar algumas árvores, aí futuramente colocar uns balanços nela, uns banquinhos, fazer uma continuidade dessa praça. Com certeza ia melhorar muito para quem mora mais para lá.” (Transcrição completa na página 69 a 71, grifo meu)

“Podia ser assim: fechava ele [o canal], colocava árvores e bancos de um lado e do outro, pronto!” (Transcrição completa nas páginas 78-80)

A ideia de um projeto naquele local gerou uma expectativa e a intervenção da população que participou da retirada dos tapumes devido aos perigos que ele trazia, significou o enfrentamento da violência no que se refere ao “beco da morte”<sup>9</sup>, ou seja, independente das características tectônicas do projeto, nesse caso, a intervenção popular foi uma forma das pessoas enfrentarem a violência.

Uma vez que a ação coletiva derrubou os tapumes, a praça precisava ser ocupada para que não fosse novamente fechada. Essa ocupação urbanizou o espaço, uma praça inacabada, transformou-se em praça pelo seu sentido mais genuíno, a reunião de pessoas, conforme depoimento de uma moradora do entorno:

“Aí, a partir disso, as pessoas começaram a usar a praça. As pessoas estavam precisando desse espaço, porque rapidinho apareceu um monte de gente, criança andando de bicicleta, o pessoal sentado na calçada mesmo porque ainda não tinha banquinho e as senhoras que cuidam [voluntariamente] da praça hoje em dia, já começaram a plantar nos canteiros também. **Não estava pronta ainda e nem tinha sido inaugurada, mas ali já era uma praça.** [...] Eu já até conheço mais pessoas que antes, porque venho aqui nos finais de semana trazer minha neta para brincar. Já converso com a dona do pula-pula, com a senhora que cuida das plantas. Criança faz amizade muito rápido, né? Aí tem também a mãe de outras crianças, que já cumprimento quando encontro na rua [...], **a praça une as pessoas**” (Transcrição completa nas páginas 69-71, grifo meu).

Dessa maneira, a união das pessoas para enfrentar a violência, reuniu posteriormente, mais pessoas para ocupar o local, assegurando que o mesmo não poderia retroceder à sua antiga configuração de lugar perigoso (devido aos tapumes), preservando sua atual configuração de local de encontro.

### **Apropriação da praça e senso de comunidade**

Além da praça como local de reunir pessoas, pode-se afirmar que a falta de arborização da praça, contraditoriamente, pode ser vista através de um viés positivo, pois a partir dessa deficiência projetual foi gerado um processo de colaboração envolvendo alguns moradores do entorno, um engajamento para mudar essa realidade, conforme a Figura 30 e 31. Essa falha projetual acabou estimulando a ação de pessoas comprometidas em preservar o local como espaço de lazer, contribuindo também para o entrosamento da comunidade envolvida.

Além do trabalho com as plantas, existe um trabalho de limpeza e manutenção da praça desenvolvido por algumas pessoas que tomam a frente nessa apropriação, pois a praça passou por uma rápida fase de degradação, conforme os depoimentos a seguir:

“[...] tem uma [senhora] que molha as plantas e varre. A outra já vi desparafusando as lixeiras, ela leva pra casa, lava e aparafusa de novo, limpinha e com um saco de

---

<sup>9</sup> Termo utilizado pelos moradores para denominar o corredor formado entre a fachada das casas da Av. 21 (que, na verdade é uma calçada de 1,5m) e os tapumes da praça. Esses tapumes bloqueavam a visibilidade, contribuindo para a ação de criminosos.

lixo pra facilitar a retirada depois. Geralmente, elas aguem cedo as plantas e, às vezes, a noite também. [...] elas fazem isso desde antes de ser inaugurado. Elas cuidam. Cuidam mesmo” (Transcrição completa nas páginas 78-80).

“Aqueles senhoras que cuidam da praça, a noite elas varrem, geralmente pela noite. Repare o que acontece: elas são estratégicas, elas escolheram esse horário porque sabem que é um horário que todo mundo está ali. Aí as pessoas podem ver que tem alguém cuidando e nisso muitos “se tocam” e não jogam mais lixo, não sujam mais” (Transcrição completa nas páginas 75-77).

Esse trabalho voluntário de preservação da praça traz uma mensagem implícita para as demais pessoas. É uma forma de contribuir para a transmissão, através do comportamento, de uma ideia de comunidade e de educação ambiental. O comportamento de uma pessoa influencia no comportamento das demais, seja de forma positiva ou negativa, isto é, quando começam a jogar lixo outras pessoas jogam também, e quando cuidam da praça outras pessoas cuidam também. O engajamento e a troca de ideias transformam a mentalidade das pessoas e agregam maiores níveis para o relacionamento de vizinhança.

“Quando tem festa eu já recolhi tanto lixo daí. Aí as pessoas olham a gente catando, e fornece uma sacola pra ajudar, vai gerando isso [...] Mas pra realizar isso a gente faz aquele trabalho de formiguinha, pede pra um, pede pra outro, e quem pode ajudar, ajuda” (Transcrição completa nas páginas 66-68).

Uma parte da população entende que a educação ambiental é fundamental, pois a partir de quando foi deixado o exemplo<sup>10</sup> outras pessoas puderam experimentar viver de maneira mais consciente. Onde nasceu, espontaneamente, na própria população, o projeto “mãos amigas” – onde cada pessoa ajuda a praça quando e como puder. Dessa forma, a comunicação e a colaboração são elementos culturais educativos.

---

<sup>10</sup> Não se trata de uma cartilha ou panfleto entregue às pessoas. Trata-se de um exemplo prático, onde o comportamento consciente educa outras pessoas que o presenciaram.

**Figura 30 - Moradora regando as espécies plantadas por ela e por outras pessoas da comunidade.**



Fonte: Acervo Tatyane Teodoro, 2017.

**Figura 31 - Moradora regando as espécies plantadas por ela e por outras pessoas da comunidade.**



Fonte: Acervo Tatyane Teodoro, 2017.

### Compreensão do entorno

A questão da apropriação do espaço público não é uma novidade nos trechos mais dinâmicos dessa região estudada, antes mesmo de se cogitar haver a praça, já existia a permanência em alguns espaços. Mas, após o seu processo de construção, que gerou a resistência, a apropriação se intensificou:

“Antes quando não tinha essa praça, eu já tinha visto algumas pessoas que ficavam nos canteiros da ciclovia, aproveitando a sombra de dia e, também, no final da tarde, passando o tempo, olhando o movimento. Até hoje ainda tem isso, na verdade. Principalmente as pessoas mais velhas, que tem aquele costume de ficar na porta das casas, aí ficam também na praça, nos canteiros da ciclovia, levam seus banquinhos, ficam jogando dominó ou só conversando mesmo” (Transcrição completa nas páginas 69-71).

Atualmente, a praça também é um ponto de referência e o seu retrato está ligado à autoestima dos moradores, conforme depoimentos dos mesmos e de visitantes:

“Agora eu posso dizer, ‘eu moro ali no Marcos Freire, onde tem aquela praça bonita, de flor’. [...] gosto de ver as pessoas ali naquele lugar prazeroso, gente que passa de carro e diz “que praça bonita”, é muito importante isso, se não tivesse alguém pra cuidar essa praça não existia mais não” (Transcrição completa nas páginas 66-68).

“é a primeira vez que venho aqui e também nunca tinha vindo antes nessa praça. Eu vim encontrar um amigo, **marquei com ele aqui nessa praça porque era mais fácil de não me perder**” (Transcrição completa na página 73, grifo meu).

A preocupação com a imagem da praça está ligada à compreensão do entorno, pois ela se comunica com o canal, com a ciclovia presente na avenida e com os comércios. No entanto, o canal sofre o impacto da poluição e isso fere a imagem da praça.

Lugares abandonados não são apropriados pela comunidade. Tais locais são lugares utilizados para descartar o lixo. Isso pode ser afirmado, pois antes, o terreno da praça era utilizado também para descarga de lixo doméstico e objetos obsoletos. Conforme o depoimento de moradores “era feio, com alguns buracos, mato rasteiro e tinha até espinho! Em alguns pontos tinha lixo, madeira velha, arame e pneu”.

Mas, quando houve a intervenção do município em construir algo naquele espaço que hoje é a praça, logo a ideia de abandono foi tirada de lá e esse arranjo continuou apenas no canal. Dessa forma, foi gerado um contraste entre a praça e o canal. O local abandonado continua recebendo lixo, enquanto o local construído e ocupado – a praça – está sendo preservado.

É possível que a questão desses resíduos não seja apenas uma questão ligada à educação. Diz respeito à uma ideia de oposição às leis e ao poder público. Uma vez que aquele espaço não tem representação positiva para a população, então, é encarado, como local inútil, local desvalorizado e de lixo. Como o canal está com a sua estética ferida, ou seja, é entendido como um local feio, logo é



utilizado como forma de revolta e forma de chamar a atenção da prefeitura, uma vez que, com lixo ou não, ele é feio.

Acredita-se que no imaginário daqueles que descartam o lixo em locais inapropriados, ao prejudicar a imagem da cidade, afetam também a imagem de quem gere aquela cidade. Já a praça, que é um lugar de convívio, não é mais vista como um lugar de lixo, é vista como um lugar da comunidade pela maioria e os que entendem essa nova configuração o preservam.

Alguns moradores esperam do poder público uma ação educativa ou um meio de punição:

“O carro do lixo até passa, mas quando ele falta uma vezinha, as pessoas não esperam, já começam a jogar ali e basta um começar com essa atitude ridícula para outras pessoas irem atrás fazer a mesma coisa. A prefeitura vem e limpa, às vezes, mas não sei até que ponto isso ajuda, porque limpam e **não fazem uma campanha de conscientização**. Aí imagino que as pessoas pensam assim ‘se a prefeitura vai limpar mesmo, então vou jogar’, mas essa limpeza deles não tem dia certo, já a coleta normal, tem dia certo, são três vezes na semana. [...] **Eu já pensei até em colocar umas placas dizendo que era proibido e estaria sujeito à multa se jogassem**” (Transcrição completa nas páginas 69-71).

Essa insatisfação da parcela de moradores que se incomoda com a falta de colaboração dos que poluem o canal gerou um manifesto silencioso através de uma faixa, cuja mensagem grita o repúdio, conforme a Figura 32.

**Figura 32 - Faixa repudiando a poluição no canal que fica ao lado da praça.**



Fonte: Acervo e adaptação Tatyane Teodoro, 2017.

Ampliando a legibilidade do entorno, a comunidade tem uma acessibilidade que vai da praça para os lugares arborizados considerados seguros e que trazem a ideia de que aquele espaço é feito para determinada finalidade – como a calçada para andar e a ciclovia para praticar o ciclismo –, onde é reforçada a preferência por esses espaços e a rejeição dos outros locais mais afastados dos eixos de dinamização, devido às suas características de abandono.

As pessoas que cuidam da praça apreciam a colaboração de outros moradores, mas reclamam da incompreensão das que degradam a praça: “eu planto, quando eu vou ver tá quebrado, tá arrancado, mas eu continuo replantando” (Transcrição completa nas páginas 66- 68).

O ato de arrancar as plantas também pode ser uma revolta incontida, assim como jogar o lixo e não apenas falta de educação. Nesse caso, o entendimento é que aquilo não é comunitário e sim apenas dos que cuidam. Colocando os que cuidam da praça em um patamar de superioridade. Nessas relações de poder, os que arrancam as plantas querem atingir os que preservam a praça e não percebem que ao prejudicar essas pessoas, eles se auto prejudicam, uma vez que o espaço é de todos.

### **Praça como espaço de trabalho**

Outro fator relacionado à praça é a possibilidade de trabalho, tanto no local por meio dos ambulantes, quanto pelos comércios que tomaram o lugar de algumas residências ou se fundiram a elas. Alguns depoimentos podem afirmar essa realidade:

“[a praça trouxe] a oportunidade de algumas pessoas terem seu próprio negócio [o comércio informal/ambulantes]” (Transcrição completa nas páginas 71-73).

“Do pessoal que morava aqui [na praça – Av. 21] antes, agora só tem eu, o restante alugou” (Transcrição completa nas páginas 78-80).

“Estamos morando aqui a pouco tempo [...] Tem um mês que chegamos aqui. [...] Tudo aqui é alugado [todas as casas que tem sua porta diretamente para a praça]. O dono construiu essas casinhas e alugou, aí aqui de um lado é uma lojinha de roupa e do outro tem o “Açaí da Duda”. Aí tem mais uma casa que mora gente do lado do Açaí” (Transcrição completa na página 77).

“Aluguei aqui por conta do movimento, pra vender as roupas e morar” (Transcrição completa na página 78).

Devido a praça se encontrar num contexto de transformações onde estão presentes a falta de emprego e as questões acerca do empreendedorismo em voga, bem como o aumento do trânsito de pessoas e a valorização do espaço trazidos com a construção da praça, algumas residências do entorno tornaram-se comércios e os comércios existentes desenvolveram-se ou modificaram-se.

A presença dos comerciantes torna-se um ponto positivo tanto para a complementação da renda dos mesmos como também trazem sua contribuição para a preservação do espaço e a permanência de pessoas na praça – que por sua vez contribui para a interação entre esses visitantes. Esse é um entendimento que vem de quem frequenta a praça:

“[...] a praça une as pessoas. [...] o pessoal que trabalha aqui, nessas barraquinhas, também acaba trazendo as pessoas pra cá. Acho que o parquinho e o pula-pula chamam as crianças e as barraquinhas chamam o pessoal mais adulto” (Transcrição completa nas páginas 69-71).

E também é um entendimento de quem trabalha na praça:

“[...] se não tivesse a gente aqui vendendo, já estaria isolado da comunidade, como a praça da juventude: foi uma praça que ele [prefeito] gastou e hoje em dia tá lá só pra eles, usuários de droga. Teve outra praça aqui perto da igreja católica que também está lá parada. Aqui o movimento é por causa da gente [comerciantes]. [...] Porque eles vendo a gente aqui não esculhambam [...] eles vêm que não está abandonada [...] Para as crianças que os pais não têm condições de levar pra um shopping, não tem muito dinheiro para gastar, podem trazer pra cá pra ser um divertimento, eles brincam nos parquinhos, brincam aqui no pula-pula, comem um lanchinho, depois vão pra casa... Ficou bem melhor, as casas ficaram mais valorizadas depois que fizeram essa pracinha.” (Transcrição completa nas páginas 81-82).

Em contrapartida, os comerciantes da praça passaram por experiências negativas, durante os primeiros dois meses da inauguração, devido aos marginais:

“[...] depois foi chegando a turma usando droga, o movimento foi caindo e o pessoal foi se afastando, ficando com medo. Com essa turma, o movimento da praça caiu muito e os comerciantes pararam mais também. Eles [os baderneiros] marcavam pela internet, de se encontrar, e a praça ficava cheia, tiveram uns assaltos. Eles marcavam pela internet, às vezes nem se conheciam, vinham de todos os bairros, era só pra se encontrar mesmo, badernar e destruir as coisas” (Transcrição completa nas páginas 81-82).

“[a praça] começou a juntar umas pessoas não muito agradáveis, aí a polícia deu em cima, há uns tempos atrás, agora que está bem melhor, mas no começo, entre dezembro de 2016 e janeiro de 2017 estava um ponto de drogas, estava demais, toda sexta feira, aí a polícia ficou em cima e eles pararam de vim. Hoje em dia alguns ficam por ali, mas também logo eles vão embora. Antes estava de dar medo. Mas agora já está tranquilo. Agora, de vez em quando, nas sextas as pessoas fazem culto, tocam música, se apresentam, é bem legal” (Transcrição completa nas páginas 78-80).

Mesmo esse problema tendo sido resolvido, outro fator ocasionou a diminuição do número de comerciantes:

“A praça era cheia de pessoas que vendiam essas coisas. Aí depois vieram umas pessoas da prefeitura dizendo que eles não podiam ficar porque eles tinham que ter uma licença ou algo assim. Aí eles foram saindo, saindo e agora só tem um rapaz que vende pastel ali e uma moça que vende churrasquinho/espetinho. Tem também a moça do pula-pula e a da batata frita. Quando têm os feriados que já emendam com o fim de semana, aí vem um outro pula-pula que tem escorregador e piscina de bolinhas, aí fica bem legal para as crianças aproveitarem. Porque não tem mais outra coisa, tirando eles [os trabalhadores] é só o espaço mesmo” (Transcrição completa nas páginas 78-80).

“Antigamente, era tanto comerciante que a Prefeitura disse que já estava virando bagunça. Aí para continuar tinha que ter um alvará de funcionamento e os policiais ficavam com a viatura aí parada dando segurança. [...] Antes todo mundo queria



vim, o povo dizia “bora pra praça do 2 [Marcos Freire 2]”, vinham de todo canto e todo mundo ganhava dinheiro aqui, no início. (Transcrição completa nas páginas 81-82).

Ainda que tenha sido reduzido o número de trabalhadores na praça, os que puderam continuar são suficientes para auxiliar na preservação do espaço e permanência dos usuários, contribuindo para as dinâmicas de interação social no local.

### **Praça como espaço flexível**

Diante dessa conjuntura de relações de poder, preservação, conflitos, revolta e colaboração, a praça é um espaço de lazer, local onde as pessoas se encontram: sejam crianças brincando, consumidores das barraquinhas ambulantes ou mesmo quem foi apenas para passar o tempo, sem um objetivo específico. Com um número significativo de pessoas, principalmente no final da tarde e na parte da noite, a praça torna-se um lugar agradável por reunir pessoas, por dar a oportunidade de complementação da renda familiar e por abrigar também algumas manifestações culturais – como cultos, capoeira e apresentações de bandas de garagem. Além das atividades de manutenção colaborativa desenvolvidas nesse ínterim. Dessa forma, permite diversos usos, configurando um espaço flexível.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises desenvolvidas neste trabalho foram norteadas pela necessidade de maior justiça social, levando-se em conta a importância do processo de participação popular para intervenções urbanas comprometidas com a mudança social e não apenas transformações urbanísticas e impositivas. Assim, foram utilizadas as narrativas do poder público e da população local, tendo em vista conhecer a trajetória marcada pelo descaso e resistência, respectivamente, e relacioná-los com as novas abordagens interdisciplinares do planejamento urbano, a partir do processo de apropriação ocorrido com a construção e resistência na praça Silvio Garcez Vieira, das mudanças nas dinâmicas de uso e convivência humana decorrentes da apropriação dos moradores, bem como a permanência da forma cartesiana de fazer projeto.

A utilização de noções e conceitos das ciências sociais, bem como a participação dos atores sociais, contribuíram para o entendimento das possibilidades do planejamento urbanístico colaborar para a construção de uma cidade democrática, evitando que processos de intervenção urbana aconteçam de forma arbitrária e conflituosa, prejudicando a população. Por essa razão, a prática profissional interdisciplinar, em conjunto com as narrativas do cotidiano, consegue alcançar maior abrangência acerca da realidade cidadina, buscando caminhos antropológicos que levem em conta a dimensão humana, cultural e política da cidade. Diferenciando-se, então, da concepção linear do pensamento cartesiano e universalista na área do planejamento urbano.

Através do estabelecimento das correspondências entre os vários ramos disciplinares que perpassam o contexto e o cotidiano de eventos urbanos, respeitando cada um em sua especificidade, é possível promover explicações mais amplas, obtendo, assim, resultados mais coerentes com a realidade em que se deseja intervir, evitando experiências traumáticas para os moradores.

Dessa forma, diante das lições trazidas pela vida urbana, ressalta-se que o contato com a realidade cultural urbana é uma contribuição importante para o entendimento da dinâmica da cidade e seu planejamento. A abordagem humana permitiu analisar o processo ocorrido na praça como possibilidade de ordenação do espaço da cidade. Com esse entendimento, pode-se afirmar que esses rebatimentos são consequências do acontecimento urbano, assim ele promove a ocupação do espaço, demonstrando seus vínculos sociais e o comportamento na espacialidade da cidade.

Por isso, buscou-se entender o projeto, implantação e apropriação da praça através de suas consequências – a realidade social – para demonstrar o caminho inverso, onde a realidade deve ser um fator imprescindível para o planejamento, uma vez que se trata de um conhecimento rizomático, no qual não se evidencia uma lógica racional e linear. Dessa maneira, propõe-se uma transformação metodológica que englobe o cotidiano citadino e interdisciplinaridade, pois o urbanismo contemporâneo tem um papel que vai além da ação única do Estado.

Nessa trajetória, por meio das narrativas do cotidiano foram apreendidas, de forma espontânea, as nuances e lições da vida urbana, que não conseguem ser percebidas sem o artifício da comunicação e convivência com a realidade. As narrativas dos moradores evidenciam a possibilidade de construção de espaços urbanos com identidade. Esse entendimento, sem dúvida, deve ser irradiado para a cidade como um todo, visto que, as intervenções públicas concentradas em uma mesma área da cidade acabam negligenciando os demais locais e intensificam a disparidade entre uma localidade e outra. Essas diferenças, bem como a ausência de pertencimento local, geram baixa autoestima na população devido à segregação socioespacial reforçada pelo planejamento urbano concentrador.

A intervenção urbana da praça se configurou como um acontecimento rizomático e cartográfico – envolvendo processos de resistência e apropriação do espaço –, em que as narrativas do cotidiano citadino permitiram sua visualização como evento urbano capaz de desenhar e promover a ocupação do espaço, possibilitando ir além das certezas do urbanismo cartesiano, no qual a lógica linear e universalizante predomina. Dessa forma, salientam-se as práticas cotidianas no contexto das mudanças físicas que ocorreram em Nossa Senhora do Socorro, de modo rizomático, indicando também que mudanças físicas urbanísticas promovem transformações subjetivas nas pessoas, desencadeando um processo de participação e conscientização ou, contrariamente, de resistência.

Desse modo, respondendo às questões apresentadas na introdução deste trabalho, pode-se apontar como pista para a prática de um planejamento urbanístico justo a atuação interdisciplinar inferida por meio da contextualização e da cartografia das narrativas dos atores sociais envolvidos. Nesse sentido, a população se torna o agente protagonista do exercício projetual por meio do seu comportamento, resistência e apropriação dos espaços públicos, destacando-se os eventos que se transformam em referências para intervenção urbana. Assim, é possível concluir que as narrativas contextualizadas são essenciais para a desconstrução de relações de poder, revelando a contradição entre a inoperância do poder público municipal e o potencial construtivo da população.

A compreensão da cidade como um dispositivo não é linear. Essa é a resposta às perguntas iniciais de pesquisa. Acredita-se que partindo da ótica interdisciplinar é possível atender as reais demandas da sociedade em sua complexidade, levando, dessa forma, à construção de uma cidade democrática e justa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AYALA, Marcos; AYALA, Maria Ignez Novais. **Cultura Popular no Brasil: perspectiva de análise**. 2 ed. São Paulo: Editora Ática, 2003.

BOGÉA, Marta. **Arquitetura como Narrativa, Baseada em Fatos Reais**. Cadernos de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Vol. 17. N. 1. 2017. Disponível em: <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cpgau/article/view/2017.1%20Bog%C3%A9a>>. Acesso em 05 jan 2018.

BRASIL. Estatuto da Cidade: Decreto n. 10. 257/2001. Lei que estabelece diretrizes gerais da política urbana. Brasília, DF, 2001.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**. Vol. 1: as artes de fazer. 19 ed. Tradução Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. 3 ed. São Paulo: Editora Ática: 1995. (Série Princípios)

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 18ª edição. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: edições Graal, 1979.

\_\_\_\_\_. **O Nascimento da Clínica**. 1ª edição. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Florense-Universitária, 1977.

\_\_\_\_\_. **O sujeito e o Poder**. In: DREYFUS, H; RABINOW, P. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica**. Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Universitária, 1995. pp. 231- 249.

FRANÇA, Vera Lúcia Alves. **Aracaju: Estado e Metropolização**. São Cristóvão: Editora Ufs, 1997. 253f. Dissertação (Doutorado) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão.

GEHL, Jan, 1936. **Cidades para pessoas**. Tradução Anita Di Marco. 3. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE: **Cidades, Sergipe, Nossa Senhora do Socorro**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=280480&search=sergipe|nossa-senhora-do-socorro>>. Acesso em: 24 de novembro de 2017.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. Tradução Carlos S. Mendes Rosa. Revisão da tradução Maria Estela Heider Cavaleiro. Revisão técnica Cheila Aparecida Gomes Bailão. 3 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011. (Coleção cidades)

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: Um conceito Antropológico**. 1932 – 22. Ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. Tradução Rubens Eduardo Frias – São Paulo: Centauro, 2001.

MONTANER, Josep Maria. **Do diagrama às experiências, rumo à uma arquitetura de ação**. Tradução Maria Luísa de Abreu Lima Paz – São Paulo: Gustavo Gili, 2017.

PAIXÃO, Joel. **Depoimento**. [Transcrição 6]. Conversa realizada em dezembro de 2017.

FILHO, Kleber Prado; TETI, Marcela Montalvão. **Cartografia como método para as ciências humanas**. Revista: Barbarói, Santa Cruz do Sul, n. 38, p. <45-49>jan./jun. 2013.

REZENDE, Vera. **Planejamento Urbano e Ideologia: quatro planos para a cidade do Rio de Janeiro** – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982. (Coleção Retratos do Brasil)

RODRIGUES, Vinícius Silva. **As transformações recentes no espaço urbano de Nossa Senhora do Socorro**. 2017. 130f.. Dissertação (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras.

ROLNIK, 2011. **Moradia Adequada**. Youtube, 27 out. 2011. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=-j2Q4Th51Ek&t=37s>>. Acesso em: 10 set. 17.

SANTOS, A. L. R.; OLIVEIRA, W. R.; NUNES, V. M. M. (org). **Nossa Senhora do Socorro: Trajetória**. Aracaju: UFS, 1994. 31f.

SOUZA, Fernando Antônio. **A Microfísica da Habitação Social**. 2017. 30f.. Relatório de Pesquisa – Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Mudar a Cidade: Uma introdução crítica ao Planejamento e à Gestão Urbanos**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

\_\_\_\_\_. **Planejamento urbano e Ativismos Sociais** / Marcelo Lopes de Souza e Glauco Bruce Rodrigues. São Paulo: UNESP, 2004.

VELHO, Gilberto. **Um antropólogo na cidade: ensaios de antropologia urbana**. [organizadores Hermano Vianna, Karina Kuschnir, Celso Castro]. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

VIVANT, Elsa. **O que é uma cidade criativa?**. Tradução Camila Fialho. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2012.



## ENTREVISTAS

Nesta seção, estão transcritas as entrevistas realizadas para subsidiar o estudo da Praça Silvio Garcez Vieira, compondo as narrativas do cotidiano dos entrevistados. Numa pesquisa antropológica as narrativas são qualitativas e não quantitativas, por isso, não foi seguido um plano de perguntas fechado, foi seguida uma semi-estrutura onde os temas eram a praça em seu antes e depois, a experiência das pessoas e o entorno. Antes de cada uma foi explicado para as pessoas o objetivo e finalidade da pesquisa, essa parcela não foi transcrita para evitar o alongamento do texto, bem como a repetição da mesma informação. A conversa era iniciada a partir das circunstâncias em que se encontrava cada pessoa entrevistada, para que o diálogo se desenvolvesse de maneira espontânea. Dessa forma, as entrevistas estão organizadas pelo tipo de relação que tinham com a praça, cada transcrição contém um resumo da conversa e a íntegra da entrevista.

<b>Transcrição 01</b>	<b>Morador do Entorno</b>	<b>Pág. 66</b>
<b>Transcrição 02</b>	<b>Morador do Entorno</b>	<b>Pág. 69</b>
<b>Transcrição 03</b>	<b>Morador do Entorno</b>	<b>Pág. 71</b>
<b>Transcrição 04</b>	<b>Visitante</b>	<b>Pág. 73</b>
<b>Transcrição 05</b>	<b>Visitante</b>	<b>Pág. 74</b>
<b>Transcrição 06</b>	<b>Representante do Poder Público</b>	<b>Pág. 75</b>
<b>Transcrição 07</b>	<b>“Morador da Praça” (Av. 21)</b>	<b>Pág. 77</b>
<b>Transcrição 08</b>	<b>“Morador da Praça” (Av. 21)</b>	<b>Pág. 78</b>
<b>Transcrição 09</b>	<b>“Morador da Praça” (Av. 21)</b>	<b>Pág. 78</b>
<b>Transcrição 10</b>	<b>Trabalhador Ambulante da Praça</b>	<b>Pág. 81</b>

## Transcrição 01

**Resumo:** Dona Z. é moradora do entorno imediato da Praça Silvio Garcez Vieira e cuida do lugar todos os dias. Possui uma consciência ambiental e senso de coletividade muito exemplar que proporciona a colaboração de outras pessoas para a causa que ela defende. E acredita que “essa praça tem alma”.

**Tatyane:** Eu observei que a senhora está sempre na praça, você mora aqui a muito tempo?

**Dona Z.:** Sim, eu moro aqui desde sempre, tenho 60 anos. Aqui é a praça Silvio Garcez.

**T:** E você se lembra como era esse lugar antes?

**Z:** Era um areal, não ficava ninguém, não tinham esses comércios e barraquinhas.

**T:** Você se lembra como foi que começaram a construir a praça?

**Z:** Teve um projeto e começaram.

**T:** Mas veio alguém perguntar para as pessoas como vocês queriam que fosse ou avisar alguma coisa?

**Z:** Não, não teve não.

**T:** E você gostaria que viessem para você participar disso?

**Z:** Gostaria, eu amo essa praça! Sou eu e minha amiga que cuidamos dela.

**T:** Que coisa boa, também quero ajudar. Outras pessoas ajudam vocês?

**Z:** Às vezes... Uma pessoa ou outra dá uma ajudinha, é muito bom.

**T:** Demorou para entregarem a praça construída?

**Z:** Não, não muito. Na verdade, essas obras dos governantes sempre demoram, né? Fazem o projeto, aí vai não sei pra onde, aprovar e aí vai pra depois chegar e realizar... Tava no sonho, no papel. Então acho que foi um tempo normal. Tinha a questão daquele fechamento que sempre tem, né? E o pessoal derrubou esse cercado. Também, por isso não pareceu que demorou muito.

**T:** Então depois de um tempo derrubaram, porquê derrubaram?

**Z:** Derrubaram por conta de que tinha a ação dos marginais, a ação dos vândalos, tudo isso. Foi uma influência de tudo, o povo passava pelo beco era roubado, era tudo... Mas quando é que a gente não é roubado, né? O cercado só piorou isso, o cercado servia para os ladrões roubarem celular, porque [o tapume] ficava entre uma parede, formava um beco.

**T:** E hoje, como a senhora vê o espaço?

**Z:** Hoje tá maravilhoso!

**T:** É verdade, e o que a senhora mais gosta na praça?

**Z:** Ah, eu gosto de tudo, porque eu faço parte da história. Quem molha [as plantas] sou eu, quem plantou foi eu, então eu gosto muito de tudo. Porque a prefeitura manda o carro pipa só de vez em quando, aí fica tudo seco porque o tempo está quente. Mas pelo menos eles estão fazendo isso. A prefeitura plantou as palmeiras “grandes”, o restante foi tudo a gente.

**T:** E foi, então, uma ação voluntária de vocês?

**Z:** É, vamos dizer que foram as mãos amigas, né? Muita gente deu planta, mas alguns vândalos já quebraram algumas palmeiras, mas as que estão em pé, a gente molha! Quando o carro [pipa] não vem a gente molha, estou aqui com os baldes para molhar. E a gente também limpa, eu e a outra, a gente limpa a praça, junta os lixos.

**T:** Que coisa legal!

**Z:** É, essa praça tem alma, eu costumo dizer que tem alma e urbanismo é uma coisa linda, né, menina? A gente pode plantar e dá essas flores bonitas.

**T:** É, as plantas deixam a praça bonita. Parabéns pelo trabalho.

**Z:** Mas as vezes, é ruim, porque as pessoas veem que dá flor bonita, aí pega a planta e leva.

**T:** Pena que o pessoal não entende né, que é para todo mundo.

**Z:** É, você que é estudante sabe, né, o quê que as plantas geram. Elas favorecem o meio ambiente, geram oxigênio e fazem bem pro ser humano, pro homem! Você tá respirando o quê? Ar puro!

**T:** Além da paisagem né, Dona Z., que fica agradável.

**Z:** É, virou um ponto de referência. Agora eu posso dizer, “eu moro ali no Marcos Freire, onde tem aquela praça bonita, de flor”. É a continuidade da vida, é uma planta, se você arrancar ou abandonar ali, é uma vida que você tá deixando morrer. É uma vida. Aí o povo não entende não, minha filha. Aí eu planto, quando eu vou ver tá quebrado, tá arrancado, mas eu continuo replantando.

**T:** Ah, sim! Eu vi que desde que retiraram os tapumes, haviam umas plantinhas. Então foi a senhora, né?

**Z:** Foi minha filha, eu e minha amiga. Tá vendo aquela bonitona ali? Ela cresceu, foi a gente que plantou, mas as palmeirinhas e a das florezinhas amarelas foi a prefeitura.

**T:** Eu já vi também um homem molhando.

**Z:** É, ele plântou uma e cuida dela. Essa, do pé grande, foi uma moça que veio e plantou, ela disse que ia plantar no Canal, mas chegou lá era tanto lixo, que ela acabou trazendo pra cá porque viu que a gente tava cuidando da praça.

**T:** Ainda tem essa questão do Canal, né? Seria legal se tivesse sido incorporado ao projeto da praça?

**Z:** É, mas aí deve estar no projeto, só não fizeram. Mas o quê que acontece aqui? Cascalho o povo coloca, bota lixo, a gente limpa, faz nossa parte, e a ação do homem vem e degrada. A prefeitura vem e limpa tudinho também, não é sempre, mas uma vez ou outra limpa, mas o povo continua jogando, não espera o carro do lixo passar. Aí causa proliferação de inseto, mosca, rato, tudo... Tudo bem que a vegetação quem deveria cuidar é a prefeitura, mas a gente tinha que esperar o carro do lixo. Se você botar tarde e o carro já tiver passado é só recolher e colocar no outro dia que a coleta for passar, é só colocar de novo pra eles levarem. Mas o povo não entende isso! Jogam tudo aí, até animais mortos. Aí o meio ambiente fica assim, degradado. Ali no canal eu planto também, pra ajudar nisso de combater a degradação, outras pessoas já plantaram ali também. Tá vendo aquele pé de None, foi eu! Aquele coqueiro foi um rapaz! Só tô com dificuldade de molhar tudo isso. Tem esse jardim aqui na frente, mas eu não consegui tirar a vegetação rasteira, tô esperando uma oportunidade pra ver se alguém capina.

**T:** Eu vou ajudar a senhora viu, obrigada por me ajudar também, fiquei feliz em conhecer a senhora, eu volto! Espero conhecer outras pessoas como a senhora.

**Z:** É, aqui eu cuido com a minha amiga, mas tem mais umas cinco pessoas que contribuíram, plantando e de vez em quando voltam, é porque eu sou a que mora mais perto, aí é mais fácil pra mim.

**T:** Eu também moro perto eu vou voltar também.

**Z:** Pronto, Taty, então se você vier, vai ficar mais uma mão amiga, vão ser três colaboradoras. Venha quando puder, você estuda né, não deve ter muito tempo, mas venha quando der, vai ser muito bom. Pois é, essa é minha história com a praça. E essa praça aqui tem alma viu! Quando tem festa eu já recolhi tanto lixo daí. Aí as pessoas olham a gente catando, e fornecem uma sacola pra ajudar, vai gerando isso, é pouca gente que ajuda, mas é bom quando alguém dá um auxílio.

**T:** Nessa questão do lixo as pessoas têm que ajudar mesmo, é um espaço público que é todo mundo. Mas a sua insistência já começa a educar um pouco as pessoas que sujam, não é verdade?

**Z:** É, se todo mundo colaborasse era bom. A gente varre essa praça e apanha o lixo. Mas a gente sabe, né, o país que mora, as pessoas não têm noção. Nossa limpeza era sempre de manhã, mas aí mudamos pra o final da tarde, que é quando tem gente na praça, aí eles começaram a ver que a gente limpa e pararam mais de jogar lixo no chão também. Mas aí a gente falava quando via uma criança jogando, chegava na educação, sem brigar. Com o tempo nem precisamos mais varrer tanto, antes era todo dia, agora a gente fica uns quinze dias, um mês sem varrer, dá pra juntar com a mão porque é muito pouco lixo agora. Só é muito ali no canal mesmo. Mas pra realizar isso a gente faz aquele trabalho de formiguinha, pede pra um, pede pra outro, e quem pode ajudar, ajuda. Fomos tentando educar o pessoal e a praça tá aí hoje.

**T:** Então essa ação toda contribui para o relacionamento de vizinhança, né?

**Z:** É, e sabe o que eu ganho com isso? Eu fico feliz, porque eu vejo os pais de família passeando com as crianças e as crianças brincando. Eu não faço pra me aparecer, primeiramente eu tenho o reconhecimento de Deus e depois posso ver a praça cheia de gente. As pessoas podem até pensar “ela faz isso pra puxar o saco do Prefeito, quer aparecer”, mas não é isso, minha felicidade é cuidar de uma planta e ver que as pessoas que estão ao redor estão respirando ar puro e as crianças brincando. Tem pagamento maior? Não tem!

**T:** Ah, então o que a senhora mais gosta, nem é tanto o espaço físico, é mais a sensação que o seu trabalho nele causa, né?

**Z:** É, a sensação, mas eu gosto do espaço também e gosto de ver as pessoas ali naquele lugar prazeroso, gente que passa de carro e diz “que praça bonita”, é muito importante isso, se não tivesse alguém pra cuidar, essa praça não existia mais não. Ela precisa de mim.

**T:** Realmente, se tornou um ponto de referência...

**Z:** É, mas tem que vim interagir com educação, se vier com educação a praça continua, se vier sem educação a praça se acaba. Quando eu vejo uma coisa que acho errada eu não brigo com a pessoa, chego lá, principalmente nas crianças, e explico pra não fazerem isso e aquilo, por exemplo, digo pra brincarem fora dos canteiros pra não quebrar as plantinhas e digo “depois quando você arrumar uma namoradinha, vocês tem que ter um cenário bonito pra tirar uma selfie” (risos), aí pronto, morreu a questão. Isso é educação, comunicação.

**T:** Comunicação é tudo, interação, né, Dona Z.?

**Z:** É, quem não se comunica se estrupia. Às vezes eu sei uma coisa que você não sabe, você sabe uma que eu não sei. Foi assim que chamei minha amiga pra somar comigo, o ser humano sempre depende do outro, eu disse pra ela que “um sonho que se sonha sozinho, só é sonho, mas se sonhar junto se torna realidade”. Tem gente também que vem defender o seu pão de cada dia aqui na praça, montam as barraquinhas, o comércio ambulante, a praça ajudou eles também.

**T:** Dona Z., você me deu uma ideia, ainda tem muita gente que não tem a consciência do papel que as plantas têm, tanto para a paisagem, quanto para o meio ambiente e a contribuição para o nosso ar.

Vou pensar em algo para conscientizar as pessoas. Comunicar, né, vencer pelo cansaço (risos), igual a senhora. Muito obrigada, depois eu venho aqui denovo!

## Transcrição 02

**Resumo:** Dona M. é moradora do entorno da Praça Silvio Garcez Vieira há 6 anos. Sua relação com a praça é levar a neta para brincar nos finais de semana.

**Tatyane:** A senhora sempre traz ela para brincar aqui?

**Dona M:** Trago às vezes, minha netinha não mora comigo, aí quando me visita, eu trago. Ela gosta de brincar no balanço, no pula-pula e de ver outras crianças.

**T:** Ah, e sempre tem bastante criança brincando aqui na praça?

**M:** Tem, sempre tem bastante criança correndo e de bicicleta. E esses balanços são disputados (risos).

**T:** E você se lembra como era esse lugar antes?

**M:** Lembro. Era feio, com alguns buracos, mato rasteiro e tinha até espinho! Em alguns pontos tinha lixo, madeira velha, arame e pneu. Eu sei disso porque eu atravessava pra passear com meu cachorro, pra ir no comércio do outro lado também. Aí de repente, começaram a fazer uma praça, limparam e não disseram nada, pelo menos eu não soube e eu moro aqui do lado praticamente. Eu não sabia se alguém tinha comprado para fazer alguma coisa, se ia ser um campinho de futebol, ou se seria praça mesmo. Só soube quando colocaram a placa da obra.

**T:** Então, você como moradora do entorno, gostaria que tivessem vindo informar vocês, para vocês darem uma opinião ou algo assim? Participar mesmo?

**M:** Sim, eu gostaria. Eu queria ter pedido mais árvores. A princípio, foi muito boa a ideia de construírem qualquer coisa, porque antes não tinha nada, foi como eu já falei, era um lugar que só servia para lixo.

**T:** Demorou para entregarem a praça construída?

**M:** Demorou porque deram uma grande pausa e foi muito ruim para a população, principalmente, para aqueles que moram ali [nas casas que compartilham a mesma calçada da praça]. Porque o cercado que a prefeitura colocou criou um beco para eles, favorecendo a violência e a roubalheira. Tanto é que muitas vezes o comércio foi roubado, as pessoas eram assaltadas quando passavam pelo beco. Muitas vezes ouvi gritos a noite, eram os assaltos. Imagine como foi para as pessoas que moravam ali na época...

**T:** E quando foi que tiraram a cerca?

**M:** Aí com isso da violência, o pessoal que morava no beco começou a derrubar as placas de metal do cercado, fazendo bastante barulho. Todo dia era um pouquinho. Aí, um dia, se juntaram todos e terminaram de derrubar a parte que faltava, porque eles só tinham tirado o da frente da casa deles. Foi assim: ouvi um barulho forte, aí fui ver o que era, eu vi várias pessoas batendo nessa proteção e algumas horas depois a polícia apareceu e levou o que estava espalhado na rua. Aí a partir disso, as pessoas começaram a usar a praça. As pessoas estavam precisando desse espaço, porque rapidinho apareceu um monte de gente, criança andando de bicicleta, o pessoal sentado na calçada mesmo porque ainda não tinha banquinho e as senhoras que cuidam da praça hoje em dia já começaram a



plantar nos canteiros também. Não estava pronta ainda e nem tinha sido inaugurada, mas ali já era uma praça.

**T:** E hoje, como a senhora vê o espaço?

**M:** Hoje está bom, está habitado, vem gente de outros bairros. Vem grupos fazer suas manifestações.

**T:** Como assim, manifestações?

**M:** Música, cultos, grupos de dança, de capoeira. Então com a praça aí, está bem melhor que antes, porque a presença de gente aqui, traz mais movimento, mais segurança. É tão bom que quando a minha netinha vem, ela já pede logo “quero ir no pula-pula”, “quero ir no balanço”. Mas também falta consciência de muitas pessoas, porque jogam lixo logo aqui do lado e isso influencia aqui na imagem da praça, fica uma coisa feia. O carro do lixo até passa, mas quando ele falta uma vezinha, as pessoas não esperam, já começam a jogar ali e basta um começar com essa atitude ridícula para outras pessoas irem atrás fazer a mesma coisa. A prefeitura vem e limpa, às vezes, mas não sei até que ponto isso ajuda, porque limpam e não fazem uma campanha de conscientização. Aí imagino que as pessoas pensam assim “se a prefeitura vai limpar mesmo, então vou jogar”, mas essa limpeza deles não tem dia certo, já a coleta normal, tem dia certo, são três vezes na semana. Aí quando eles jogam no canal, fica atraindo insetos, roedores que podem causar doenças. Jogam tudo que é tipo de lixo, aí depois os cachorros de rua vão e terminam de espalhar tudo, fica tudo exposto e atraindo mosca.

**T:** Então, a senhora acha que uma ação educativa ajudaria?

**M:** É, seria o início para uma reeducação ambiental. Eu já pensei até em colocar umas placas dizendo que era proibido e estaria sujeito à multa se jogassem, mas não tive coragem ainda de fazer isso (risos). O poder público existe para cuidar, mas a gente também tem que fazer a nossa parte, que é cuidar dessa praça. E do que tem ao redor dela. Porque é a diversão de várias crianças. Fica mais bonito assim, é mais saudável.

**T:** E o que mais a senhora acha do entorno?

**M:** Eu acho que a primeira coisa é essa, parar de jogar lixo e continuar essa imagem daqui da praça para a direção do canal. Para depois fazer alguma obra nele. Quem sabe plantar algumas árvores, aí futuramente colocar uns balanços nela, uns banquinhos, fazer uma continuidade dessa praça. Com certeza ia melhorar muito para quem mora mais para lá. Porque aqui na frente já está bonito, tem essa praça que muita gente vem todo dia, tem a ciclovia também, onde as pessoas fazem caminhada, treinam para as corridas, andam de bicicleta. Antes quando não tinha essa praça, eu já tinha visto algumas pessoas que ficavam nos canteiros da ciclovia, aproveitando a sombra de dia e, também, no final da tarde, passando o tempo, olhando o movimento. Até hoje ainda tem isso, na verdade. Principalmente as pessoas mais velhas, que tem aquele costume de ficar na porta das casas, aí ficam também na praça, nos canteiros da ciclovia, levam seus banquinhos, ficam jogando dominó ou só conversando mesmo.

**T:** Então, por aqui é bem movimentado né?

**M:** É, por aqui é bem movimentado, na rua do Shopping também, é bem parecida com essa, tem essa mesma ciclovia que continua para lá, só que lá tem mais gente ainda fazendo atividade física. Eu sei disso porque eu também faço minhas caminhadas nela.

**T:** Ah, qual é o percurso que a senhora faz?

**M:** Eu vou da praça da juventude até o Siri. Mas o alongamento eu faço aqui na praça.

**T:** Então a praça foi benéfica no sentido de complementar o que já acontecia nesses trechos da ciclovia, né?

**M:** Sim, a praça é muito positiva. Eu já até conheço mais pessoas que antes, porque venho aqui nos finais de semana trazer minha neta para brincar. Já converso com a dona do pula-pula, com a senhora que cuida das plantas. Criança faz amizade muito rápido, né? Aí tem também a mãe de outras crianças, que já cumprimenta quando encontro na rua.

**T:** Então a praça acaba unindo as pessoas?

**M:** É, a praça une as pessoas. Favoreceu também o pessoal que trabalha aqui, nessas barraquinhas, eles também acabam trazendo as pessoas pra cá. Acho que o parquinho e o pula-pula chamam as crianças e as barraquinhas chamam o pessoal mais adulto. Mas também tem gente que vem só pra conversar. Ficar sentado. É bem variado. Teve um tempo que tinha umas pessoas que fumavam na sexta feira, mais aí a polícia ficava fazendo ronda e afugentou um pouco eles.

**T:** Entendi. Muito obrigada, foi bom conversar com a senhora!

### Transcrição 03

**Resumo:** J. um jovem adulto que mora no entorno da Praça Silvio Garcez Vieira e é consumidor de uma barraquinha de lanche que é montada na praça.

**Tatyane:** Você mora aqui a muito tempo? Frequenta bastante aqui?

**J:** Moro a 8 anos. Venho às vezes, porque eu gosto de ir nas barraquinhas de lanche e é um lugar agradável.

**T:** Então você acompanhou o processo de construção da praça, né? Já que mora a bastante tempo.

**J:** É, acompanhei um pouco, era meu caminho pra ir pra escola, na época.

**T:** Você lembra como era o espaço antes?

**J:** Era um descampado, bem ruim de atravessar porque era de areia e desregulado, algumas partes tinham um mato rasteiro, nessa parte dava pra caminhar melhor, era a nossa “calçada”. Aí depois que começaram a construir teve o cercado que tampou toda a visão, ele era pra proteger a gente dos estilhaços da construção, guardar o material da obra... Mas aí com o tempo ele ficou atrapalhando o trânsito, os carros perdiam a visibilidade pra fazer a curva e os pedestres tinham que passar pela rua que é o espaço dos carros. Provavelmente, essa cerca servia de esconderijo para as pessoas mal-intencionadas estarem assaltando, já até ouvi gritos daquela direção. Nunca vi nada, mas já ouvi falar bastante que estavam roubando por causa desse cercado.

**T:** Você lembra de quando derrubaram ele?

**J:** Lembro, no começo eu não sabia o que era, só ouvindo um barulho muito alto, ouvi da minha casa, que é aqui perto. Aí fui olhar o que era. As pessoas que moravam ali no beco [formado pelo tapume e a fachada das casas] derrubaram, por causa desses assaltos. E acho que foi também porque ficava incomodando aquilo bem na frente da casa deles. Aí depois ficou tudo espalhado na rua, as chapas de metal. Depois apareceu a polícia, todo mundo saiu correndo (risos) e eles levaram essas chapas que ficaram espalhadas na rua. Aí visibilidade ficou normal de novo.

**T:** E depois disso, o quê que o cercado estava guardando, tinha o quê dentro?

**J:** Não tinha nada (risos). Tinha o piso assim como está agora e aquela estrutura ali [pergolado], o restante das coisas que tem aqui agora não estavam colocados ainda, naquela época.

**T:** O que você achou de terem derrubado?

**J:** Achei estranho porque não estava terminado ainda, mas também a construção estava parada, não tinha porque estar fechado se não estavam fazendo nada. Acabou sendo uma coisa boa, porque os assaltos pararam. Na verdade, ficaram menos frequentes, porque a depender do horário, ainda assaltam.

**T:** Então você considera essa região aqui perigosa né?

**J:** Um pouco, tem outras piores na questão da insegurança. Todo lugar está perigoso hoje em dia, na verdade.

**T:** E quais são os lugares que você acha mais perigoso?

**J:** Todos (risos). Se você andar nos lugares mais movimentados é mais seguro do que nas ruas mais “mortas”.

**T:** Entendi. E que lugares você frequenta a mais para ter lazer, encontrar os amigos?

**J:** Vou pro Shopping e ando de bicicleta na ciclovia pra me exercitar, o bom é que no caminho que eu faço ela é bem sombreada, mais ou menos dali da praça da Juventude até o Shopping. Depois a ciclovia continua, mas é sem árvores, aí fica muito quente e também começa a ficar mais “morto” pra lá, já não é tão tranquilo de andar. Você já corre o risco de voltar a pé (risos).

**T:** Quando você vai ao Shopping, você vai com qual meio de transporte?

**J:** Eu vou na maioria das vezes de ônibus, dá uns cinco minutos daqui pra lá, se o ônibus demorar fica em torno de uns dez minutos, no máximo, pra chegar lá. Então é bem tranquilo.

**T:** Você acha essa região bem servida de ônibus?

**J:** Acho, porque tem um terminal quase aqui do lado, se for pra ir em Aracaju é bem fácil também.

**T:** Ah, sim! E você costuma ir muito pra Aracaju? Por exemplo, se precisar comprar alguma coisa ou resolver algum problema, dá pra resolver por aqui mesmo?

**J:** Às vezes, boa parte dá pra resolver por aqui mesmo, tem o shopping, tem várias lojinhas por aqui por perto, supermercado, banco, essas coisas, que ficam nessas avenidas principais. Só vou pra Aracaju se realmente não der pra resolver por aqui.

**T:** E quais são essas avenidas principais?

**J:** A do Shopping, aquela outra que fica no João Alves que é caminho pra Aracaju e essa daqui da praça.

**T:** Tem mais alguma coisa sobre a praça que você queira acrescentar?

**J:** Acho que não. Só que ficou mais bonito que antes e deu a oportunidade de algumas pessoas terem seu próprio negócio [o comércio informal/ambulantes].

**T:** Ah, já que você falou na paisagem, o que você desse canal logo aqui do lado?

**J:** Acho um contraste, é feio. As pessoas jogam lixo, queimam lixo, é uma prática bem contrastante com a imagem da praça. Eu acho isso. Uma vez eu achei engraçado (risos), que bem ali tem uma escola, né, aí a dona da de lá, pegou o lixo e jogou no canal porque a coleta não passou. Aí um homem foi lá, juntou tudo e colocou de volta tudo na frente da escola. Ele disse pra ela “o canal não é lixão, espere o carro do lixo passar”, aí ela falou que a coleta não passou (risos). E ele disse “você é uma educadora, deveria dar o exemplo para as pessoas, mas é a primeira a jogar. Sua escola tá cheia de criança e você aí alimentando doença pra senhora e pra elas. Se você jogar lá de novo, eu vou trazer novamente pra sua porta. Você é quem sabe”.

**T:** Nossa, que história! E ela ainda voltou a jogar, será?

**J:** Acho que não, depois dessa! (risos)

**T:** É mesmo (risos). Muito obrigada pela sua colaboração.

#### **Transcrição 04**

**Resumo:** C., na ocasião da entrevista, estava visitando a praça pela primeira vez, estava esperando um amigo, enquanto tomava açaí no estabelecimento “Açaí da Duda” que fica onde antigamente era uma das casas que tem a Praça Silvio Garcez Vieira como calçada. Ficava bem no centro do beco formado pelos tapumes. A praça foi para esse visitante um ponto de referência ou localização, sugerido pelo amigo, evitando o desencontro dos mesmos.

**Tatyane:** Você frequenta muito esse Açaí?

**C:** Não, é a primeira vez que venho aqui e também nunca tinha vindo antes nessa praça.

**T:** O que trouxe você aqui hoje?

**C:** Eu vim encontrar um amigo, marquei com ele aqui nessa praça porque era mais fácil de não me perder (risos).

**T:** Ah, então você não é daqui de Socorro?

**C:** Não, moro em Aracaju.

**T:** Entendi. Você veio como? Uber, Ônibus...

**C:** De ônibus.

**T:** Achou o percurso demorado?

**C:** Achei um pouco, mas também não marquei quanto tempo demorou pra chegar.

**T:** Você já tinha vindo outras vezes pra cá?

**C:** Já. Já fui no shopping duas vezes (no cinema).

**T:** Ah, sim. Aqui o cinema é mais barato, né? (risos)

**C:** É (risos). E tenho uns amigos que moram aqui.

**T:** Mas então, como é a primeira vez que você visita a praça, o que você está achando? Quais as suas primeiras impressões?

**C:** Quando eu cheguei [em torno de 16 horas] não tinha muita gente e percebi que é bem colorida. Sentei ali naquele banco pra esperar, aí vi essa lanchonete e vim porque o banco que eu sentei tava quente (risos) e também aqui [na lanchonete] o tempo ia passar mais rápido. Pois é, achei a praça pequena também, mas é arrumadinha, tirando esse terreno baldio que tem ali [o canal].

**T:** Tá certo. Muito obrigada pela colaboração.

## Transcrição 05

**Resumo:** Dona A. é uma senhora de 59 anos. Frequenta a praça entres suas caminhadas na parte da manhã. Não mora na região, mas está passando uma temporada na casa de seu filho, que é morador do conjunto Marcos Freire 2. Todos os dias ela caminha por volta de 5: 30 e 6: 30 da manhã e faz seu intervalo contemplando a paisagem da praça.

**Tatyane:** A senhora sempre morou aqui?

**Dona A:** Eu já morei a quinze anos atrás, mas agora moro mesmo em Ribeirão Preto [São Paulo], estou passando uma temporada na casa do meu filho, ele mora aqui no Marcos Freire.

**T:** Ah, então a senhora não acompanhou a construção da praça, só viu ela assim, pronta, né?

**A:** É, eu já conheci ela assim. Eu estou vindo sempre dar uma descansadinha aqui, eu gosto de fazer uma caminhada e parar no caminho. Aí aproveito para observar.

**T:** Ah, e o que a senhora já observou aqui?

**A:** Tem uma coisa que não acontece só aqui nessa pracinha, sabe o que é? Falta árvore, árvore mesmo, que faça sombra, porque parece que fazem as praças para serem usadas só de manhã cedo e a noite!

**T:** É verdade, agora como está cedo só tem a gente aqui e as pessoas do ponto de ônibus. Só começa a chegar gente mesmo por volta de 16h ou 17h, eu tenho observado. O que mais a senhora viu?

**A:** Pois é, minha filha, outra coisa que eu vi é que todo lugar as pessoas usam para jogar lixo. O governo pode ser falho como for, mas eu não culpo eles por sujeira de praça. Isso é coisa das pessoas mesmo, falta de educação. Olhe aí do lado [a região do canal], já tem lixo. Me pergunto pra quê isso. Se a coleta vai passar daqui a pouco já [quarta-feira às 7h].

**T:** É mesmo, esse é um problema que incomoda muitas pessoas, e ao mesmo tempo, é causado por muitas outras pessoas também.

**A:** Lá onde eu moro as pessoas também são assim, não é só aqui não. Eu paro aqui e fico pensando que se parassem com isso, ia ficar bem mais bonito. Mas é muito difícil lidar com gente viu, controlar isso. Eu mesma, já briguei com algumas pessoas que eram minhas vizinhas, justamente, por causa disso.

**T:** É difícil mesmo conscientizar as pessoas, quando já é um hábito fazer esse tipo de coisa. Mas sabe que tem umas senhoras aqui que cuidam da praça, antes elas varriam de manhã, mas ninguém via, aí elas passaram a varrer a noite, quando já tem mais gente, aí as pessoas passaram a perceber e isso inibiu essa falta de educação deles. Então acho que é por aí.

**A:** É né? Que bom, pelo menos aqui [na praça] está limpo. Pois é, minha filha eu já vou, viu?

**T:** Tá certo, muito obrigada.

## Transcrição 06

**Resumo:** Ex-vereador Joel Fontes foi o idealizador da Praça. Confirmou que a obra foi paralisada devido a entraves políticos na Prefeitura Municipal. Revelou, ainda, que a revitalização do canal também fazia parte dessa revitalização, mas que não pode ser executada.

**Tatyane:** Qual foi a sua contribuição para a idealização desse projeto?

**Fontes:** Eu fui um dos vereadores do município de Nossa Senhora do Socorro. Eu cheguei aqui lá pelos idos de 1987. Eu conheci os donos desse terreno que hoje é a Taiçoca. Um senhor, chamado Silvio Garcez, dono de uma fazenda de coqueiros, a fazenda Siri, com criação de animais, salinas, criou sua família nesse local e era gerente de um dos primeiros bancos instaurados em Aracaju. No governo de Augusto Franco, o terreno foi desapropriado e foi destinado a ser o Complexo Habitacional Taiçoca. Então, eu sabendo dessa história, achei por bem fazer dessa praça um prêmio para ele. Praça Silvio Garcez Vieira, para eternizar o nome da família que eu conheci e que tinha cuidado dessas terras que hoje é a Taiçoca.

**T:** E quanto ao projeto mesmo?

**F:** A indicação foi feita por mim, ex-vereador Joel Fontes. Daí foi levado para a câmara dos vereadores para que o governo criasse o projeto e desse o nome de “Silvio Garcez Vieira”.

**T:** E por que naquele local, qual a justificativa?

**F:** O espaço era inutilizado, era um terreno baldio cheio de mato. Eu achei que ali merecia uma praça e por sinal a praça ficou muito linda, não é verdade? Antes era um local que só servia para colocar lixo e hoje está uma praça linda, um local bem cuidado. Inclusive tem três senhoras que fazem um trabalho lindo de conservação, cuidam da praça, voluntariamente. E a gente queria que muitas pessoas tivessem a mesma atitude.

**T:** Sim, eu falei com uma delas já. É um trabalho muito bonito mesmo.

**F:** É, elas que plantam tudo na praça e cuidam de tudo, voluntariamente.

**T:** Sim, é um trabalho inspirador. Induz outras pessoas a quererem ajudar também. E inibe a prática de jogar lixo, pelo menos no espaço da praça. Já é uma coisa muito positiva. E quanto a paralisação da obra e as pessoas terem derrubado os tapumes, o que o senhor sabe dizer sobre isso?

**F:** Realmente, a obra começou e depois parou. Foi assim, essa obra, foi um pedido que eu fiz ao Deputado Federal André Moura. Porque na época que ele foi candidato, eu ajudei ele. O combinado era, que se eleito ele fosse, ele mandaria uma verba e uma suplementação orçamentária dele, para eu fazer qualquer coisa aqui na Taiçoca. Aí o que foi que eu fiz? Escolhi esse espaço para ele destinar o dinheiro dele para essa obra. Mas aí o que acontece: o Governo Federal não libera a verba de uma só vez, vai liberando aos poucos, à medida em que a Prefeitura dê a contrapartida. Mas a Prefeitura estava passando por momentos de dificuldade, estava sem o dinheiro de dar a contrapartida. Assim, deu a primeira parte, vieram, cercaram com os tapumes e iniciaram a obra, mas a outra parte a Prefeitura não teve o dinheiro. Enquanto a prefeitura não desse a contrapartida, não era liberado o dinheiro. Aí quando liberaram, foi quando fizeram. Mas o dinheiro já estava em caixa, o problema foi a Prefeitura.

**T:** Entendi.

**F:** Então, eu fui vereador... E as pessoas aqui, às vezes falam do político e tal. Mas vereador não tem poder pra nada, vereador só tem o poder de pedir, mas a obra vem se o deputado mandar e se o



prefeito também liberar. Às vezes o deputado manda, mas o prefeito, por um motivo ou outro, eu não sei se é verdade ou se é mentira, dizia que não tinha o dinheiro da contrapartida. Aí o dinheiro estava lá na caixa, parado, e a obra aqui parada também. Quando ele teve o dinheiro para dar a contrapartida, já foi quatro dias depois da eleição, inclusive por isso eu perdi até a eleição. O povo aqui ficou tudo com raiva de mim, pensando que era eu que tinha ficado com o dinheiro. Quer dizer, se fosse para me beneficiar eu não teria liberado antes? Teria! Mas aí o pessoal ficou chateado comigo. Mas está aí a praça agora. Depois que eu perdi a eleição, o que valeu foi que pelo menos, na frente da minha casa tem uma praça.

**T:** E valeu muito também para as pessoas que moram aqui perto. E sobre a questão do canal? O desenho da praça traz uma ciclovia que poderia continuar na direção dele. Em algum momento foi cogitado incorporar ele ao projeto?

**F:** Essa era a minha intenção! Não era só essa pracinha. Era, além de fazer essa praça, acompanhar todo o canteiro dessa parte do canal, ia ficar tudo bonito, ia pavimentar e colocar essa parte vermelha [ciclovias] rodeando toda a trajetória do canal. Mas, infelizmente, o deputado até me pediu desculpas, porque as verbas só dariam para fazer essa parte que é a praça. Aí o que era que eu estava pensando? Se eu ganhasse a eleição, sendo vereador de novo, tentaria continuar. Mas por infelicidade minha e, talvez, não sei se foi sorte ou foi azar das pessoas que pensavam que era uma coisa diferente, eu não ganhei a eleição, aí também não poderia chegar lá e fazer essa proposta. Mas se as pessoas me derem outra oportunidade a intenção é dar continuidade.

**T:** E como foi para fazer o projeto mesmo, a planta, essas coisas?

**F:** O pedido do projeto e a indicação do local são feitos pelo vereador. Aí é protocolado na câmara de vereadores e vai para o prefeito. Quando está nas mãos do prefeito, quem faz é a Secretaria de Planejamento, uma equipe de lá é que faz o desenho. Então, como eu tinha amizade com o secretário, ele me ligou para eu ir ver o projeto, para ver o que poderia ser alterado, colocar um banquinho, uma mesinha... Mas aí eu fui lá e vi que realmente ficou bonita do jeito que ele me mostrou, aí eu não pedi para modificar nada. Pois é, esse negócio de projeto, planta, desenho é com a Secretaria de Planejamento.

**T:** Entendi. Antes a gente estava falando do canal, o que você entende por essa questão do lixo?

**F:** A questão do lixo, é uma questão cultural, né? Você sabe que você não joga lixo ali, eu não jogo, as senhoras que cuidam da praça também não. É uma questão cultural, não tem como. Talvez, até se com essa praça aí, se fizesse a extensão dela até o final do canal, as pessoas continuariam jogando lixo. Porque parece que o costume é esse, jogar colchão, cama velha, caixa, lixo, tudo. E sem contar também que a prefeitura deveria ter um mecanismo para colocar uma caixa coletora em algum lugar desse aí para poder recolher o lixo.

**T:** Sim, aí já reuniria num ponto só esse lixo e ficaria mais fácil da coleta levar.

**F:** É, isso aqui é para o nosso bem. Quem mora aqui ao lado acha muito bonito. Tem gente que acha bonito mas acha que não é bem empregado estar aqui ao lado da gente. Veja, eu tenho esses canteiros aqui [canteiro da ciclovia da Av. Coletora C] que eu fico cuidando. Pasmem você, tem pessoas que passam de manhã e arrancam algumas plantas dessas que eu estou cuidando. Aí você vai fazer o quê com as pessoas desse tipo? Aquelas senhoras que cuidam da praça, a noite elas varrem, geralmente pela noite. Repare o que acontece: elas são estratégicas, elas escolheram esse horário porque sabem que é um horário que todo mundo está ali. Aí as pessoas podem ver que tem alguém cuidando e nisso muitos “se tocam” e não jogam mais lixo, não sujam mais.

**T:** Então, essa estratégia delas me fez ter uma ideia. Usando a mesma lógica de mostrar que está sendo cuidado, quem sabe outras pessoas se engajam também para a questão do canal, porque na praça, hoje em dia, não tem mais sujeiras absurdas. A ideia é fazer alguma ação de conscientização que permaneça, tenho que pensar ainda.

**F:** Bom, se você com a sua cabeça “moderna” idealizar alguma coisa, você pode contar comigo que eu vou convocar elas e também outras pessoas pra gente fazer alguma movimentação, ação aí na praça.

**T:** Tá certo. Obrigada!

## Transcrição 07

**Resumo:** A. é uma adolescente que mora a mãe e o irmão em uma das casas que tem a Praça Silvio Garcez Vieira como calçada

**Tatyane:** Você mora aqui desde quando?

**A:** Estamos morando aqui a pouco tempo, eu, minha mãe e meu irmão. Tem um mês que chegamos aqui.

**T:** Ah, essa casa aqui é de vocês?

**A:** Não, aqui é alugado. Tudo aqui é alugado [todas as casas que tem sua porta diretamente para a praça]. O dono construiu essas casinhas e alugou, aí aqui de um lado é uma lojinha de roupa e do outro tem o “Açaí da Duda”. Aí tem mais uma casa que mora gente do lado do Açaí.

**T:** Entendi. E qual a sua percepção sobre a praça como nova moradora?

**A:** Ah, eu acho boa, é um lugar bom. Só é ruim na sexta-feira à noite porque enche muito, faz barulho porque tem muita criança brincando e também de tem um pessoal que fuma. Aí esse pessoal que fuma tem a mania de sentar aqui na frente da minha casa, nessa calçada.

**T:** Ah, essa calçada acaba funciona como banco, né? [a calçada dessas casas é mais alta em relação ao piso da praça, formando a altura de um assento]

**A:** Isso.

**T:** E do entorno, o que você acha?

**A:** Estamos morando aqui a pouco tempo, então não sei muito. Mas de bom aqui do lado tem essa pista [Av. Coletora C] com calçada, árvores... Aqui na frente tem um restaurante... Só que ali do outro lado tem essa parte feia [o canal] e algumas pessoas jogam lixo.

**T:** É verdade, muito obrigada pela sua colaboração.

## Transcrição 08

**Resumo:** R. mora a cinco meses em uma das casas que ficam diretamente na praça. É revendedor de roupas e se incomoda ao ver a redução de trabalhadores ambulantes na praça e o aumento de usuários de drogas no mesmo ambiente onde os pais trazem as crianças.

**Tatyane:** Você mora aqui a muito tempo?

**R:** Não, estou aqui a cinco meses. Aluguei aqui por conta do movimento, pra vender as roupas e morar.

**T:** Ah, aqui é alugado...

**R:** É, essa e mais três casinhas são alugadas e são tudo igual. E é tudo um dono só.

**T:** E você como morador, o que acha da praça?

**R:** Quando eu cheguei aqui, essa praça tinha umas banquinhas de cachorro quente e outras coisas, tinha muita criança, mas depois de um tempo chegou a malandragem, todo final de semana é maconheiro, ninguém respeita mais ninguém.... Virou bagunça. A prefeitura tirou os trabalhadores e deixou os vagabundos aí.

**T:** Ah, a prefeitura tirou o pessoal...

**R:** Foi, aí antes dava muitas mães com seus filhos passeando, iam no pula-pula. Mas o pula-pula ainda tem ali. Tinham o pessoal ambulante vendendo suas coisinhas né? Aí impediram o pessoal de vender. Tiraram o pessoal de bem e deixaram os vagabundos.

**T:** E quanto ao entorno, o que você acha?

**R:** Acho aqui tranquilo. Mas tem esse canal. É lixo direto. O pessoal também são tudo uns imundos praticamente, vou dizer logo assim. Pronto, olhe aí na esquina, tá cheio de lixo. Desde domingo [a entrevista foi feita numa quarta-feira] o lixo tá aí porque não veio o caminhão fazer a coleta, aí o pessoal não tem paciência de esperar também... Fica todo mundo prejudicado.

**T:** E na questão da segurança e insegurança, o que você acha daqui?

**R:** Eu acho tranquilo, nessa região aqui é tranquilo, no tempo que eu tô aqui, não vi nada acontecer, graças à Deus. Mas eu não sei lá pra dentro [ruas que seguem em direção aos conjuntos marginalizados]. Dizem que é perigoso, mas nunca fui.

**T:** Entendi. Muito obrigada pela colaboração!

## Transcrição 09

**Resumo:** B. é moradora de uma das casas que ficam na Av. 21 (que na prática é uma calçada que se emenda com a calçada da praça, a divisão se dá por um desnível da altura de um assento em relação ao piso da praça). Ela conta como foi o processo de implantação, seus problemas com a insegurança e os benefícios após a inauguração.

**Tatyane:** Você mora aqui a muito tempo?

**B:** Há muito tempo já, desde que era areal.

**T:** Então você acompanhou o processo de construção da praça, né?

**B:** Acompanhei. Aí depois eu saí e voltei pra cá de novo. Do pessoal que morava aqui antes, agora só tem eu, o restante alugou.

**T:** O que você achava daqui antes, quando ainda não tinha a praça?

**B:** Tinha aqui um espaço vazio que deveria ser aproveitado. Como foi, né? Porque não tinha nada. Mas também quando ficou aqui tudo fechado foi um tormento porque ficou só um beco. Fechou todo o quadrado da praça aí ficou um beco aqui pra gente. Era escuro, tinha assalto, ficou conhecido como “beco da morte”, saiu no jornal por conta dos assaltos. As pessoas desciam do ônibus aqui no ponto e aí como era tudo escuro e tudo fechado ficava um [ladrão] em cada extremo do beco e esperam a pessoa ir. Aí não tinha pra onde a pessoa correr, ou entregava a bolsa ou morria. Mesmo se saísse correndo a pessoa estava cercada. Às vezes ficava um no canteiro da Avenida [Coletora C], aí outro aqui no corredor. Não tinha pra onde correr. Foi terrível. Foi ruim.

**T:** E vocês morando aqui. Como faziam para lidar com isso?

**B:** Então, eu chegava do trabalho de noite, vinha rápido e já fechava tudo. Mas na madrugada a gente escutava as pessoas gritando. Por que tem gente que chega tarde do serviço, ou quem vai pegar ônibus logo cedo pra ir trabalhar. Foi difícil. Aí depois eu saí, fui morar fora daqui. Quando eu voltei foi já em dezembro de 2016, quando inauguraram. Quando eu voltei já estava assim bonita, estavam terminando. Ficou ótimo agora. Mas com aquele beco estava terrível.

**T:** Então, agora está bom, né?

**B:** A praça em si, tá linda. Mas aí começou a juntar umas pessoas não muito agradáveis, aí a polícia deu em cima, há uns tempos atrás, agora que está bem melhor, mas no começo, entre dezembro de 2016 e janeiro de 2017 estava um ponto de drogas, estava demais, toda sexta feira, aí a polícia ficou em cima e eles pararam de vim. Hoje em dia alguns ficam por ali, mas também logo eles vão embora. Antes estava de dar medo. Mas agora já está tranquilo. Agora, de vez em quando, nas sextas as pessoas fazem culto, tocam música, se apresentam, é bem legal. Ah, também no início tinham muitas pessoas vendendo lanche, os ambulantes. A praça era cheia de pessoas que vendiam essas coisas. Aí depois vieram umas pessoas da prefeitura dizendo que eles não podiam ficar porque eles tinham que ter uma licença ou algo assim. Aí eles foram saindo, saindo e agora só tem um rapaz que vende pastel ali e uma moça que vende churrasquinho/espetinho e só. Tem também a moça do pula-pula e a da batata frita. Quando tem os feriados que já emendam com o fim de semana, aí vem um outro pula-pula que tem escorregador e piscina de bolinhas, aí fica bem legal para as crianças aproveitarem. Porque não tem mais outra coisa, tirando eles [os trabalhadores] é só o espaço mesmo.

**T:** Entendi. Quem faz a praça mesmo são as pessoas né, as que trabalham e as que consomem.

**B:** É. Mas tem pessoas também que “fazem o favor” de destruir as coisas, já levaram as tampas das lixeiras quase tudo, já quebraram um banco. Mas assim, à vista do que era antes, ficou ótimo!

**T:** Sim, e também tem a contrapartida das senhoras que cuidam da praça, né?

**B:** É, tem uma que molha as plantas e varre. A outra já vi desparafusando as lixeiras, ela leva pra casa, lava e aparafusa de novo, limpinha e com um saco de lixo pra facilitar a retirada depois. Geralmente, elas aguem cedo as plantas e, às vezes, a noite também.

**T:** Ah, sim. Eu conversei com uma delas. É muito legal isso que elas fazem.

**B:** É, elas fazem isso desde antes de ser inaugurado. Elas cuidam. Cuidam mesmo. Porque tem uma galera aí que não é brinquedo não, viu? Bagunçam mesmo.

**T:** Sim, mas voltando àquela questão de quando tinham os tapumes e a violência. Me disseram que os tapumes foram derrubados...

**B:** É, antes de eu ir embora já tinham começado a derrubar um pedaço, esses daqui da frente das casas. Porque tinha um rapaz que ficava aí dentro com um cachorro, pra ajudar na segurança, mas não adiantava muita coisa, era quase a mesma coisa que nada, coitado. E aí as pessoas começaram a derrubar, tiraram um pedaço ali, outro aqui. Aí foram derrubando, depois ninguém aguentava mais, a mercearia foi roubada várias vezes porque ficava tudo fechado, foi nisso que ficou conhecido como “beco da morte”, porque estava dando medo mesmo. Eles vinham de noite e desligavam todos os contadores de luz pra ficar mais escuro, estava terrível. Aí a população derrubou. Depois que a população derrubou, felizmente, foi mais rápida, a obra. Ficou um espaço legal, mas também tem gente que não respeita, porque não era pra ter coisa quebrada já, né? E a gente não pode nem falar nada... Pronto, um dia desses tinha um menino... Não, ali não é um menino não, é um capeta. Uma planta tão linda que tinha ali e ele começou a puxar. Aí eu disse “ei, não puxe não, viu?” e ele respondeu “eu puxo se eu quiser! É sua?”

**T:** Falava assim: “é nossa”.

**B:** Que nada, ele não entende, não tem educação mesmo. A população vai pra onde desse jeito? Como é que vai manter a praça bonita com a juventude desse jeito? Você não pode dizer nada. Se for discutir aparece a mãe, o pai pra dar razão a ele.

**T:** É, isso é complicado. E quando ao entorno aqui da praça, o que você acha?

**B:** O canal só serve pra gente viver toca picada [de mosquito], parece que eu moro da beira de uma favela. Ah, lembrei! Veio Fábio Henrique [o ex-prefeito], na inauguração deu a entrevista dele falando aqui na praça, aí perguntaram, porque a obra não ia até o canal. Aí ele “ah, é porque não sei o quê, só depois que entrar um novo mandato de outra pessoa”, aí ele deixou dito que ia ser só essa daqui mesmo. Mas deveria ter descido até lá, fechar o canal, como é fechado em outros lugares. Aqui é ótimo de morar, mas esses mosquitos velhos ninguém merece. Aí de vez em quando eles limpam, mas é ruim, porque quando eles mexem lá, os mosquitos saem de lá e vem para as nossas casas. Eles têm que fechar de vez, aí dar continuidade à praça. Podia ser assim: fechava ele, colocava árvores e bancos de um lado e do outro, pronto!

**T:** Ah, como tem em Aracaju, né? No Augusto Franco, com a ciclovía passando em cima...

**B:** Exatamente. E nem fica parecendo que é canal. Continuava até lá em baixo, passando a rua da feira. Outra coisa, que o Prefeito deixou dito e até hoje não fez é que ia ter wifi na praça. E essa obra foi cara, eu não lembro mais o valor, mas foi cara, tão pequena e cara desse jeito. Aqui tem esses bancos que não devem ter sido caros porque são pré-moldados. Esses tapetes de grama. O caro deve ser o concreto do piso e iluminação, né? Porque a tinta é barata e as lixeiras... Achei essa obra muito cara. Devem ter ficado com a metade do dinheiro no bolso, já dava pra fazer o canal. E outra, que falta manutenção nessa praça, porque quem faz são as senhorinhas, se elas não tomassem conta estaria abandonado. Eles, da prefeitura só vem aguar de 15 em 15 dias. O carro hoje parou ali, mas ele foi embora, não colocou água não, que eu fiquei aqui olhando.

**T:** Pois é, quem salva são as senhoras, né? Muito obrigada pela colaboração.

## Transcrição 10

**Resumo:** L. é uma mulher que toma conta de um pula-pula armado na praça durante todos os dias das 16h às 22h. Esse pula-pula é emprestado de uma amiga e elas dividem os lucros. Ela vê a praça como uma ferramenta que a ajudou na complementação da renda e acredita que os trabalhadores ambulantes da praça têm grande contribuição para o local estar sempre com pessoas.

**Tatyane:** Você mora aqui a muito tempo?

**L:** Moro. Tem 19 anos.

**T:** Ah, tem bastante tempo mesmo. Então você acompanhou o processo de construção daqui da praça, né?

**L:** É, aqui antes só tinha areia e capim. Era uma coisa bem negativa. Tinham uns animais soltos que apareciam por aqui e comiam o capim. Agora não tem mais isso não. A inauguração acho que foi em dezembro de 2016. Mas antes, eles [a prefeitura] estavam demorando terminar o serviço, aí o pessoal quando descia do ônibus era assaltado, vinham da escola, do trabalho e estavam sendo assaltados. Ficou muito perigoso com a cerca. Aí depois que derrubaram ficou mais visível. Ficou mais seguro.

**T:** Era bem ruim, né? Mas, e hoje em dia, o que você mais gosta aqui?

**L:** O lazer, né? Para as crianças que os pais não têm condições de levar pra um shopping, não tem muito dinheiro para gastar, aí podem trazer pra cá pra ser um divertimento, eles brincam nos parquinhos, brincam aqui no pula-pula, comem um lanchinho, depois vão pra casa... Ficou bem melhor, as casas ficaram mais valorizadas depois que fizeram essa pracinha. Ficou bem legal.

**T:** E agora tem até mais comércio, né?

**L:** É, eu trabalho no pula-pula, tem o pessoal comerciante... No começo tinha mais, aí depois foi chegando a turma usando droga e o movimento foi caindo e o pessoal foi se afastando, ficando com medo. Com essa turma, o movimento da praça caiu muito e os comerciantes pararam mais também. Eles marcavam pela internet, de se encontrar, e a praça ficava cheia, tiveram uns assaltos. Eles marcavam pela internet, às vezes nem se conheciam, vinham de todos os bairros, era só pra se encontrar mesmo, badernar e destruir as coisas.

**T:** Ah, eu lembro de uma vez ter visto algo assim. Era uma espécie de festa né, e tinha muita gente mesmo, a praça fica lotada.

**L:** É, chegavam de carro e aqui ficava cheio antigamente, logo que inaugurou, ficava cheio de gente. Mas quando eles se juntam assim, pode ser que tenha alguma coisa, né? Acerto de contas, tiroteio. O pessoal começou a ficar com medo. Antes tinha um trailer de yakisoba e um de lanche que vinha do 3 [Marcos Freire 3], dois espetinhos, cachorro quente, mas aí depois eles saíram, agora só tem um espetinho, o pastel, a batatinha e o açáí.

**T:** E quais horários tem mais movimento e você monta o seu pula-pula?

**L:** Depende, geralmente de tarde tem muita criança, mas tem dias que dá um bom movimento, tem outros que nem tanto. Nos dias de feriado fica cheio, no carnaval do ano passado a gente ganhou muito dinheiro aqui trabalhando.

**T:** Ah, então aqui tem ajudado na sua renda né?



**L:** É, mas o pula-pula não é meu não. É de minha colega que divide comigo. Mas é questão de paciência né, um dia dá menos, outro dia dá mais. Aí tem que ficar aqui a tarde até... Daqui a pouco eu desarmo, umas 21:30 eu desarmo. É questão de paciência, chega um, chega outro.

**T:** Entendi...

**L:** Pois é, mas aí as pessoas deixaram de trazer as crianças por causa dos vândalos que estavam frequentando aqui. Usando droga na frente das crianças, fazendo as crianças estarem ingerindo fumaça.

**T:** E o que você acha do entorno?

**L:** Na verdade, o projeto dessa praça já foi pago pra fazer até lá em baixo [até o canal], mas ele só fez esse pedacinho aqui. A menina disse que lá na prefeitura, o projeto, já era pra fazer até lá. Mas está legal aqui, ainda mais depois que a polícia começou a vim direto, esse pessoal sumiu. Agora as crianças brincam, final de semana tem mais movimento e está melhor dia de sábado e domingo. Agora o pessoal mal-intencionado está em outro lugar por aí. Tem o pula-pula inflável ali também, de vez em quando.

**T:** Que bom que eles não vêm mais, né?

**L:** É. E as plantas ainda estão assim porque tem duas senhorinhas que cuidam ali das plantas. Regam, plantam, fazem muda. Cuidam direitinho, limpam. Uma vez na semana elas limpam a praça com um carrinho de mão, deixam a praça limpinha. Elas tiram o lixo da lixeira, limpa a lixeira, botam a bolsinha de plástico, botam remédio por causa da dengue. É a comunidade que cuida, por isso que ainda tá assim bonitinho. Mas tem uns lixeiros que os vândalos começaram a quebrar. E também se não tivesse a gente aqui vendendo, já estaria isolado da comunidade, como a praça da juventude, foi uma praça que ele [prefeito] gastou e hoje em dia tá lá só pra eles, usuários de droga, teve outra praça aqui perto da igreja católica que também está lá parada. Aqui o movimento é por causa da gente.

**T:** Ah, então o que faz a praça funcionar são as pessoas, né?

**L:** É, são os comerciantes. Porque eles vendo a gente aqui não esculhambam.

**T:** Entendi, inibe um pouco essa ação de estar destruindo as coisas.

**L:** É, eles vêm que não está abandonada. Se não aqui já estaria um ponto de drogas e ninguém ia estar ligando. Mas como tem os comerciantes, a cavalaria vem, teve uma vez que vieram 4 carros de polícia. Aí assim a praça fica tranquila, os pais deixam as crianças brincarem sem medo. E a pracinha ficou mais valorizada. O pessoal só diz que eles deveriam mudar essa areia aí do parquinho e colocar uma areia branquinha ou então uma grama, porque as crianças saem parecendo que estavam num chiqueiro, saem todas pretas. O pessoal diz que o governo deixou uma areia de esgoto (risos). Mas agora está melhor do que antes! Tem menos pessoas, mais ainda tem e o pessoal tá tranquilo.

**T:** Ah, mas eu não achei que tem pouca gente aqui não (risos).

**L:** É, mas para consumir tem pouca e à vista do que era antes, tem menos. Antes todo mundo queria vim, o povo dizia “bora pra praça do 2 [Marcos Freire 2]”, vinham de todo canto e todo mundo ganhava dinheiro aqui, no início. Aí por conta do pessoal estranho, o movimento caiu, o pessoal teve receio por causa das crianças. Antigamente, era tanto comerciante que a Prefeitura disse que já estava virando bagunça. Aí para continuar tinha que ter um alvará de funcionamento e os policiais ficavam com a viatura aí parada dando segurança. O pessoal sentia mais segurança e agora está tranquilo.

**T:** Que bom, né? Obrigada pela colaboração.

## ANEXOS

## ANEXO A – DOCUMENTAÇÃO DE REQUERIMENTO DE VERBA PARA A CONSTRUÇÃO DA PRAÇA, MELHORAMENTO DO CANAL E OUTROS.



CÂMARA MUNICIPAL DE NOSSA SENHORA DO SOCORRO  
GABINETE DO VEREADOR JOEL FONTES

Nossa Senhora do Socorro, 22 de julho de 2013

Indicação nº 001/2013

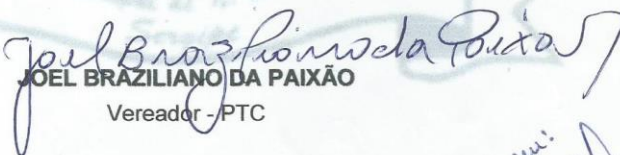
JOEL BRAZILIANO DA PAIXÃO, Vereador do Município de Nossa Senhora do Socorro-SE, vem, mui respeitosamente, à augusta presença de Vossa Excelência, apresentar as seguintes solicitações:

Ao Excelentíssimo Senhor, Deputado Federal, ANDRÉ LUIS DANTAS FERREIRA, no sentido de viabilizar emenda parlamentar para pavimentação, ~~parque~~, drenagem, praça de lazer e esporte, nos loteamentos: SÃO BRAZ, CAJUEIRO e PARQUE ILZA.

Construção de uma praça e melhoria no canal que fica localizado, na Av. Coletora "C," com Av. Perimetral "C" e Rua "A-19" no Conjunto Marcos Freire II.

Justifica-se tal indicação ao fundamento da reivindicação dos próprios moradores daqueles núcleos habitacionais pela grande necessidade de tais benefícios, uma vez que nessa região existe uma população de aproximadamente 08 (oito) mil habitantes, formada de mulheres e homens trabalhadores, os quais a carência é muito grande.

Neste ou melhores termos, pede e espera merecer uma atenção especial.

  
JOEL BRAZILIANO DA PAIXÃO  
Vereador - PTC

*Recb em:*  
31/07/13

Nossa Senhora do Socorro, 08 de Agosto de 2013

Pça Getúlio Vargas, 16 – Centro  
Tel.: (79) 3279-1190 – Fax: (79) 3279-1688 – C.N.P.J. 13.911.375/0001-55  
CEP 49160-000 – Nossa Senhora do Socorro / Sergipe  
e-mail: camara.socorro.se@hotmail.com

## ANEXO B – DOCUMENTAÇÃO DE REQUERIMENTO PARA O NOME DA PRAÇA.



---

CÂMARA MUNICIPAL DE NOSSA SENHORA DO SOCORRO  
GABINETE DO VEREADOR JOEL BRAZILIANO DA PAIXÃO

---

## MENSAGEM

Senhores(as) Vereadores(as),

Tenho a honra de encaminhar, submetendo ao exame e posterior aprovação dessa Egrégia Casa Legislativa, projeto de lei que dá nome à Praça SILVIO GARCEZ VIEIRA, localizada na Avenida Coletora "C", Marcos Freire II, no município de Nossa Senhora do Socorro/SE

O senhor SILVIO GARCEZ VIEIRA, nasceu em 28/03/1909, em Itaporanga D'Ajuda, filho de Julio Vieira de Andrade e Maria Izabel Garcez Vieira, faleceu em 03 de outubro de 1962 em Aracaju.

Foi criado na cidade de Riachuelo onde seu pai possuía uma fazenda chamada São José, quando adquiriu a maior idade mudou-se para a capital (Aracaju), onde iniciou no ramo do comércio, abrindo a firma Garcez Leite e CIA LTDA, em sociedade com o ex-governador José Rollemberg Leite, firma esta, responsável pela importação de veículos muito conceituada na época.

Contraiu núpcias com Maria Esther, neta de Francisco Vieira de Andrade, usineiro proprietário da usina Proveito, filha do juiz de Direito Pedro Barreto de Andrade, do seu matrimônio com Maria Esther nasceram 6 filhos: Silvia, Rubens, Murilo, Selma, Silvio Filho e Roberto.

Fundou o Banco de Crédito Sergipense S/A onde assumiu o cargo de diretor presidente.

Chegando ao Município de Nossa Senhora do Socorro, foi proprietário da fazenda Siri, onde investiu na plantação de coco, salinas, criação de equinos, etc., gerando dezenas de empregos, sempre foi tido como uma pessoa altamente íntegra, humana, amiga, excelente pai, esposo, irmão e filho. Dedicou toda sua vida em prol do comércio, a instituição financeira, e especialmente a fazenda Siri, localizada neste Município.

A fazenda Siri após a desapropriação deu lugar ao conjunto João Alves, Distrito Industrial, parte do Marcos Freire I e II, após o seu falecimento a fazenda SIRI ficou sob o comando dos seus herdeiros até a data da sua desapropriação.

Fazendo com que seja merecedor de tal homenagem, com o objetivo de eternizar o seu nome para as futuras gerações do município de Nossa Senhora do Socorro, confirmo a justificativa.